



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DANIELA DE OLIVEIRA GONÇALVES

**UMA ANÁLISE SOBRE O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS
NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS-PB

2018

DANIELA DE OLIVEIRA GONÇALVES

**UMA ANÁLISE SOBRE O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS
NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus-CZ.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Linha de pesquisa: Ensino de Geografia

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

G635u Gonçalves, Daniela de Oliveira.
Uma análise sobre o uso dos recursos didáticos e tecnológicos no ensino de geografia da segunda fase do ensino fundamental / Daniela de Oliveira Gonçalves. - Cajazeiras, 2018.
65f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Prof. Dr. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

1. Ensino de geografia. 2. Recursos didáticos. 3. Livro didático. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

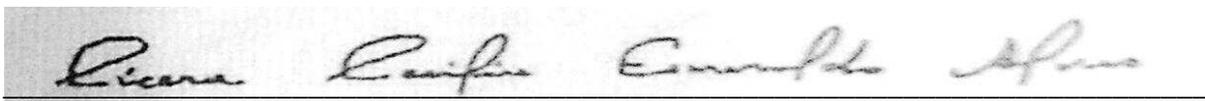
CDU - 37.016:911

**UMA ANÁLISE SOBRE O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS
NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

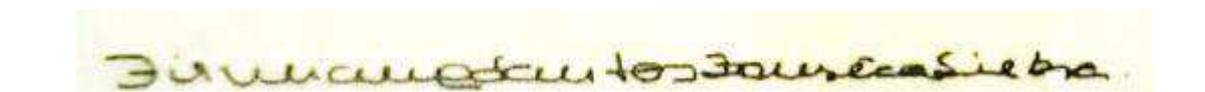
Monografia apresentada como requisito final para
a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia,
pela Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG), Campus-CZ.

Aprovada em: 14/03/2018

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Cícera Cecília Esmeraldo Alves
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Orientadora



Profª. Drª. Firmiana Santos Fonseca Siebra
Universidade Regional do Cariri - URCA
Examinador 1



Profº. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Examinador 2

Dedico este trabalho ao meu filho Aroldo neto, ao meu esposo Antônio Coelho e aos meus pais, que me apoiaram incondicionalmente na elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado e por me dar a oportunidade de concluir este curso.

Agradeço a minha mãe, Francisca Senhor de Oliveira, e a meu pai, Arnaldo Gonçalves de Souza, que sempre me ajudaram para que eu alcançasse meu objetivo, me apoiando em todas minhas decisões para que o meu sonho fosse realizado.

Aos meus amigos e meus colegas de curso, principalmente a Aywsca, Bethânia e Andreia, que sempre estiveram juntas comigo e dispuseram seus dias a me apoiarem.

A professora e orientadora Cícera Cecília Esmeraldo Alves, pela sua orientação e dedicação, por dispor do seu tempo para me orientar a concluir meu objetivo.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande que durante o curso contribuíram para que eu viesse a adquirir conhecimento científico e prático.

Agradeço!!!

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Paulo Freire.

RESUMO

O ensino de Geografia contribui para a apreensão do real e para o desenvolvimento de habilidades como analisar, investigar, descrever e argumentar os sentidos e significados do espaço geográfico e das relações sociais. Nesse sentido, este estudo apresenta como temática uma análise sobre o uso dos recursos didáticos e tecnológicos no ensino de Geografia da segunda fase do ensino fundamental. Apresenta como Objetivo Geral compreender como os recursos metodológicos contribuem para um ensino de Geografia crítico e que valorize o contexto vivenciado pelos discentes. Norteia, também, pelos seguintes objetivos Específicos: apresentar o percurso histórico do ensino de geografia nas escolas brasileiras; apresentar os conteúdos do livro didático de geografia do 9º ano do Ensino fundamental e sua utilização em sala de aula; verificar como o uso dos recursos didáticos e tecnológicos contribuem para um ensino de Geografia inovador e discorrer sobre a importância dos diversos recursos metodológicos no ensino de Geografia da Escola Santa Maria Gorete. A escolha da temática justifica-se pela possibilidade de conhecer os principais recursos metodológicos que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia da segunda fase do Ensino Fundamental, tendo em vista a diversidade de materiais existentes no contexto escolar, tanto didático quanto tecnológicos. Adotou-se como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica qualitativa e exploratória em fontes de dados manuais como livros e monografias e em bancos de dados eletrônicos como Scielo e Google acadêmico. Utilizou-se, também, a observação como instrumento de pesquisa no intuito de enriquecer os dados colhidos. Compreende-se que este estudo fornece subsídio para um repensar do ensino de Geografia, onde a prática educativa possa favorecer uma valorização do verdadeiro objetivo dessa disciplina, que é formar cidadãos ativos e participativos e o objetivo da ciência geográfica que é compreender a relação entre o homem e o espaço. Nesse cenário, o espaço geográfico, ou seja, produzido a partir da relação homem-meio deve ser analisado e estudado através de perspectivas inovadoras e flexíveis, onde a adoção de novas habilidades seja ampliada pela disponibilidade dos recursos e métodos existentes na atualidade.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Recursos didáticos. Metodologias.

ABSTRACT

The teaching of Geography contributes to the apprehension of the real and to the development of abilities such as analyzing, investigating, describing and arguing the meanings and meanings of geographic space and social relations. In this sense, this study presents as an issue an analysis on the use of didactic and technological resources in the teaching of Geography of the second phase of elementary school. It presents as a General Objective to understand how the methodological resources contribute to a teaching of critical geography and that values the context experienced by the students. Norteia, also, for the following specific objectives: to present the historical course of the teaching of geography in Brazilian schools; present the contents of the didactic textbook of geography of the 9th year of Elementary Education and its use in the classroom; to verify how the use of didactic and technological resources contribute to a teaching of innovative Geography and to discuss the importance of the various methodological resources in the teaching of Geography of the Santa Maria Gorete School. The choice of the theme is justified by the possibility of knowing the main methodological resources that aid the teaching-learning process in the Geography classes of the second phase of Elementary School, considering the diversity of materials in the school context, both didactic and technological . Qualitative and exploratory bibliographic research in manual data sources such as books and monographs and in electronic databases such as Scielo and Google academic were adopted as a methodological course. It was also used the observation as a research instrument in order to enrich the data collected. It is understood that this study provides support for a rethinking of the teaching of Geography, where the educational practice can favor a valuation of the true objective of this discipline, which is to form active and participative citizens and the objective of the geographical science that is to understand the relation between the man and space. In this scenario, the geographic space, that is, produced from the man-environment relationship must be analyzed and studied through innovative and flexible perspectives, where the adoption of new skills is amplified by the availability of resources and methods that exist today.

Keywords: Geography Teaching. Didactic resources. Methodologies.

LISTA DE SIGLAS

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

INL- Instituto Nacional do Livro Didático

LD- Livro Didático

PPP- Projeto Político Pedagógico

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático

TICs- Tecnologia de Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Formulário de verificação do livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental	
II.....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Coleções referentes à disciplina de Geografia aprovadas nas edições do PNLD 2001, 2005, 2008, 2011, 2014 e 2016.....	26
---	-----------

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Capa do livro Vontade de saber Geografia	31
Figura 02- Escola Santa Maria Gorete	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA RELEVÂNCIA NA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL	15
2.1 A escola enquanto lugar de aprendizagem e espaço de mediação do saber.....	15
2.2 Um breve histórico da educação geográfica nas escolas brasileiras	18
2.3 Concepções sobre o histórico do livro didático e sua utilidade.....	22
2.4 Um olhar sobre os conteúdos do livro didático de Geografia do 9º ano da segunda fase do Ensino Fundamental	29
3 O USO DE DIFERENTES RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO.....	36
3.1 Principais recursos utilizados no ensino de geografia nos anos finais do Ensino Fundamental.....	36
3.2 Adoção de metodologias distintas para um ensino geográfico inovador.....	42
3.3 Professor e aluno na construção de metodologias para a aula de Geografia.....	44
4 UMA ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTA MARIA GORETE.....	47
4.1 Caracterização da Escola Santa Maria Gorete.....	48
4.2 O uso das tecnologias como estratégia de ensino para os professores.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6 REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia nas escolas básicas passou por várias transformações ao longo do tempo adquirindo um novo olhar para com o aluno, suas necessidades, priorização e conhecimento. A forma como os professores ensinam geografia vem avançando, e procurando substituir o ensino baseado na memorização pelo ensino crítico, reflexivo e que contribua para uma melhor formação e aprendizagem do aluno, buscando formar cidadãos ativos e participativos na sociedade.

Na perspectiva de Pontuschka et al (2007), no final dos anos 70 e década de 80, vários debates procuravam estabelecer uma aproximação entre o que se produzia na universidade e o que se ensinava e aprendia nas escolas de todo país. Essa realidade abriu caminhos para novas descobertas e compreensões sobre a adoção de novas metodologias que oriente o trabalho em sala de aula.

Castellar e Vilhena (2010) apontam que a metodologia do ensino está associada à forma como é ensinado e aprendido determinado conteúdo. Por isso, a didática da educação geográfica torna-se relevante no ensino crítico, uma vez que propõe um diálogo entre teoria e prática considerando o processo de ensino aprendizagem do aluno.

Este estudo tem como objetivo geral compreender como os recursos metodológicos contribuem para um ensino de Geografia crítico e que valorize o contexto vivenciado pelos discentes. Norteia-se, também, pelos seguintes objetivos específicos: apresentar o percurso histórico do ensino de geografia nas escolas brasileiras, mostrar os conteúdos do livro didático de geografia do 9º ano do Ensino fundamental e sua utilização em sala de aula, verificar como o uso dos recursos didáticos e tecnológicos contribuem para um ensino de Geografia inovador, discorrer sobre a importância dos diversos recursos metodológicos no ensino de Geografia.

A escolha da temática justifica-se pela possibilidade de conhecer os principais recursos metodológicos que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia da segunda fase do Ensino Fundamental, tendo em vista a diversidade de materiais existentes no contexto escolar, tanto didático quanto tecnológicos.

A pesquisa embasou-se pela seguinte questão problematizadora: Como o uso de diferentes recursos metodológicos pode contribuir com o processo de ensino aprendizagem de Geografia da segunda fase do Ensino Fundamental?

Adotou-se como percurso metodológico a revisão bibliográfica qualitativa e

exploratória em fontes de dados manuais como livros e monografias e em bancos de dados eletrônicos como Scielo e Google acadêmico. Utilizou-se, também, a observação como instrumento de pesquisa no intuito de enriquecer os dados colhidos.

O trabalho se estrutura em quatro capítulos, sendo que o primeiro descreve a introdução do trabalho.

O segundo capítulo encontra-se subdividido em tópicos e discorre sobre o Ensino de Geografia e sua relevância na segunda fase do Ensino Fundamental, apontando a escola enquanto lugar de aprendizagem e espaço de mediação do saber. Apresenta um breve histórico da educação geográfica nas escolas brasileiras e aponta as concepções sobre a história do livro didático e sua utilização enquanto recurso didático mais frequente na prática pedagógica. Além disso, lança um olhar sobre os conteúdos do livro didático de geografia do 9º ano do Ensino fundamental.

No terceiro capítulo, enfatiza-se o uso dos diferentes recursos didáticos e tecnológicos no ensino de geografia, salientando suas contribuições para além do livro didático. Apresenta algumas alternativas como música, fotografias, o teatro/dramatização, os quadrinhos/charge/cartum e a TV/vídeo, computadores, etc, demonstrando que a metodologia adotada pelo professor precisa considerar a eficácia de cada recurso no intuito de promover aprendizagem.

No quarto capítulo, faz-se uma análise do uso dos recursos metodológicos no ensino de Geografia da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Santa Maria Gorete e aponta a importância das tecnologias enquanto subsídio para inserir-se na realidade do aluno. Desse modo, enfatiza-se que, nos dias atuais, quase todas as escolas dispõem de algum tipo de recurso tecnológico, seja uma TV, DVD, Data show, máquinas fotográficas, Pen drives, computadores, dentre outros que inserem as escolas no mundo digital. Portanto, o professor deve utilizar os recursos disponíveis como estratégia para instigar o aluno a despertar interesse pela escola e pela disciplina.

Por essa razão, este estudo resulta de uma análise dos principais recursos metodológicos apresentados pelas teorias investigadas e utilizados pelo professor nas aulas de Geografia de uma escola pública da cidade de São José de Piranhas- PB, identificando suas contribuições na formação dos educandos. Desse modo, espera-se que o resultado deste estudo contribua para embasar futuras pesquisas sobre a temática e sirva de subsídio para a prática pedagógica dos educadores que estão em sala de aula.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA RELEVÂNCIA NA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 A escola enquanto lugar de aprendizagem e espaço de mediação do saber

O mundo que ora se apresenta aos educadores e educandos está repleto de avanços e novidades capazes de favorecer ou emperrar o desenvolvimento de suas atividades cotidianas. A todo o momento, surgem novos desafios à educação que moldam e refazem o próprio ato de educar, permitindo que um novo olhar seja lançado para a superação das dificuldades e promoção da aprendizagem. Dentre tantos desafios encontrados neste novo século para com o ato de educar, pode-se considerar bastante relevante o desafio de tornar a escola um lugar atrativo, onde não se cumpram apenas regras nem sejam “obrigados” a manter apenas frequência, mas que faça com que o aluno prefira ir à escola a ficar conectado diante de um computador ou celular, buscando todas as respostas na internet.

Na perspectiva de Andrade e Costella (2016), o professor precisa observar seus alunos e suas habilidades de modo que possa desenvolver suas competências e assumir uma postura crítica e reflexiva em suas decisões cotidianas. Assim,

O papel do professor nesse processo é fundamental, porque é de responsabilidade desse educador apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e para que aprendem e, dessa forma, poderem desenvolver expectativas positivas em relação à aprendizagem e poderem sentir motivados para a atividade escolar. (ANDRADE; COSTELLA, 2016, p. 110).

Acredita-se, portanto, que a escola da atualidade necessita repensar suas práticas pedagógicas considerando a participação ativa dos educandos nesse processo. Uma mediação rica entre professor e aluno proporciona uma real aprendizagem, uma vez que o educador deve auxiliar o aluno na compreensão de suas descobertas.

Há, portanto, um chamamento aos educadores para com ética crítica competência científica e amorosidade, sob a égide do engajamento político libertador ensinarem aos seus educandos a serem sujeitos pensantes e com capacidades múltiplas de descobertas. Isso leva a repensar a redefinição do papel da escola e do professor na sociedade atual.

Vista como um dos lugares onde se produz aprendizagem, a escola dos dias atuais requer uma formação ampla e competente dos seus alunos, os quais devem tornar-se aptos e conhecedores de uma gama de conhecimentos para a vida em sociedade. Por esse caminho, Schram e Carvalho (2015) afirmam que:

Queremos sem dúvidas, que a escola possa, com seus educadores, trazer as mudanças desejáveis para uma sociedade justa e igualitária. Isso não será possível se a escola não tiver clareza de seu currículo, de sua proposta pedagógica, de seu sistema de avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, com compromisso, capacidade de agir e refletir sobre a realidade. (SCHRAM; CARVALHO, 2015, p. 2).

Diante das exigências do mundo contemporâneo, onde o saber do professor precisa ser plural e inovador, são-lhe imputadas obrigações como seguir rigorosamente as propostas educacionais impostas pelo sistema de ensino que muitas vezes, não convêm a sua prática pedagógica. Assim, surgem desafios constantes que tendem a emperrar o trabalho do educador impossibilitando a execução de projetos e planos que poderiam agregar conhecimento, facilitar a produção do saber e instigar o educando a pensar.

Nesse cenário, percebe-se que ensinar exige rigorosidade metódica, a qual deve considerar que a educação exerce-se num contexto em constante progresso, onde a figura dos discentes faz-se necessária e atuante. Parafraseando Paulo Freire (1996), não há docência sem discência, tanto educador quanto educando interagem mutuamente e se complementam no viver cotidiano da sala de aula. O docente precisa ser habilidoso, criativo e ágil repensando sua prática e encaminhando soluções para os novos problemas que venham a surgir. Entre os desafios mais comuns encontrados pelo professor está à indisciplina e a presença de salas superlotadas, além da ausência de afetividade na família e distanciamento da ética e do comprometimento próprio e com suas perspectivas, o que desenvolve o maior dos desafios que é manter o aluno na escola por desejo de ali estar, e não por obrigação, o que facilitará no vencimento de todos os outros desafios.

De acordo com Ferreira e Souza “A mediação vai se realizar entre o conhecimento que o educando já possui e o socialmente acumulado e novo para ele.” (FERREIRA; SOUZA, 2010, p. 173). Diante de tais explanações, pressupõe-se que o educador visto como mediador do saber precisa reconhecer e considerar os esforços dos seus alunos, preparando-os para se tornarem cidadãos críticos e atuantes tanto no mercado de trabalho quanto na vida em sociedade. Tendo em vista que os obstáculos encontrados na escola, e de uma forma mais específica em sala de aula, não vão acabar tão facilmente, é necessário que os membros formadores da instituição se engajem num único propósito e busquem soluções a curto e à longo prazo, visando uma sociedade futurista, com cidadãos pensantes, que precisa iniciar agora sua formação educacional e que, portanto, depende da educação escolar para crescer e amadurecer.

Então, independente dos problemas existentes, o corpo discente está ali esperando por uma ação, uma resposta a sua presença na escola e o professor tem que se preparar para não frustrá-lo nesse momento, isto é, não importa se a sala esta cheia, se os alunos são rebeldes ou se a escola deixa a desejar, o docente vai ter que lidar com esses fatores diretamente, pois é ele que adentra a sala de aula e mantêm o contato mais próximo com o aluno.

Respeitar a bagagem cultural de cada sujeito significa que o aluno também é repleto de saberes informais, os quais devem ser amplamente discutidos e somados aos saberes sistematizados. O saber do senso comum muda de qualidade, mas não de essência, por isso deve e pode ser interiorizado pelos sujeitos da educação em sala de aula. A escola como um todo precisa tentar se aproximar da família considerando a necessidade de trabalhar em parceria para atingir o objetivo principal da educação que é formar pessoas e não apenas informar. Desse modo, o educador precisa observar mais seus alunos, entender seus medos e angustias interessar-se por eles e tentar compreender a produção de cada um como forma individual de se expressar. Assim, acredita-se que a relação do professor com o aluno tende a firmar-se de maneira amigável facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Considerando que os jovens da atualidade são ágeis, curiosos e multifuncionais, observa-se que estes são capazes de realizar atividades diversas ao mesmo tempo, pesquisar, descobrir e compreender os acontecimentos a sua volta. Nessa perspectiva, os conteúdos escolares precisam estar próximos da realidade da criança, jovem ou adolescente no intuito de atraí-lo para a aprendizagem.

O papel do professor do século XXI para o desenvolvimento do aluno é de fundamental importância, uma vez que estamos vivendo diante de mudanças e avanços tecnológicos que cada vez mais fazem parte da nossa rotina. Assim sendo, cabe ao professor da atualidade conhecer, adequar-se e instigar o aluno na sua adaptação ao mundo tecnológico. Não basta ajudá-los a conhecer essa realidade e se adaptar, mas ensinar o melhor método para utilizar as tecnologias de modo favorável e útil.

Para Paulo Freire, Schram e Carvalho (20015) destacam que:

Assim, trabalhar para a criticidade é a possibilidade de ação e de participação que só se efetiva na transformação consciente do meio, o qual só pode ser transformado com recursos que implicam a participação de todos para a conquista da educação libertadora. Cabe, portanto ao educador, a explicitação do seu projeto político.” (SCHRAM; CARVALHO, 2015, p. 6).

O professor através de métodos, trabalhos e pesquisas pode e deve estimular as capacidades intelectuais do aluno. Instigá-lo, ainda, parece ser o melhor caminho, fazendo com que este se torne responsável pelo próprio desenvolvimento, passando a ter vontade própria de se tornar cada vez mais conhecedor.

Os discentes atuais se informam a cada segundo, sabem das últimas novidades até mesmo em esferas longínquas e se atualizam a todo instante. Dessa forma, é importante estabelecer um método de ensino dentro de sala de aula, que envolva o uso de tecnologias avançadas e cada vez mais modernas.

O maior interesse é refletir a presença da escola na sociedade, sabendo que ela se destina à promoção da aprendizagem. O que necessariamente requer um educador que seja um profundo conhecedor do próprio homem, que lute pelos direitos dos demais educadores e que saiba o verdadeiro sentido da profissão e da dignidade da prática docente. Com alegria e esperança, a educação se efetiva legitimamente, já que o ato de educar inclui a convicção de que a mudança é possível.

Torna-se evidente que para se obter um melhor resultado e encontrar a maneira mais adequada para se fazer educação no século em que vivemos, com as mudanças diárias e constantes que vivenciamos é tentar fazer da escola uma segunda família, uma segunda casa que deixe o aluno a vontade e ao mesmo tempo como se deve ter em seu lar, manter o respeito, conhecendo ali dentro os direitos e deveres, numa perspectiva inovadora, construtivista e acolhedora. Assim, compete à instituição desenvolver meios, realizar estudos e compreender as particularidades dos educandos para então vivenciá-los coletivamente.

2.2 Um breve histórico da educação geográfica nas escolas brasileiras

A trajetória da Geografia como disciplina escolar teve início ainda no século XIX, buscando atender à necessidade de formação de professores para o sistema escolar em expansão na época. No entanto, de acordo com Vesentini (2004), muito antes de sua institucionalização na Europa no início do século XIX através dos estudos de Humboldt e Ritter, já existiam aulas de geografias que orientavam crianças, jovens e adultos para a prática do comércio, viagens e para a guerra.

Ao refletir sobre a evolução do ensino de Geografia nas instituições escolares, Cavalcante (2014) compreende que sua prática escolar enfrentou diversos desafios e

superações ao se concretizar como ciência. De acordo com sua holística, as relações homem-natureza, os relatos de viagem, as descrições regionais e as representações cartográficas acompanham a história das civilizações desde o Egito, da Grécia e do Império Romano, fato que explica a importância de se conhecer as transformações e realidades de cada época por meio da ciência geográfica.

No Brasil, a Geografia escolar teve início no ano de 1837 na Paraíba e sua institucionalização se deu com o intuito de capacitar politicamente uma camada da elite brasileira que pretendia se inserir nos cargos políticos e nas demais atividades relacionadas e que necessitavam dos conhecimentos advindos da ciência geográfica.

A geografia e seu desenvolvimento como disciplina escolar nas escolas brasileiras teve como subsídio algumas correntes do conhecimento geográfico. Nesse contexto, Pontuschka et al (2007) afirmam que:

As atuais abordagens do conhecimento geográfico no Brasil, resultam das várias correntes de pensamento, desde aquelas influenciadas pela escola de Vidal de La Blache até as contemporâneas. Alguns pesquisadores orientam-se teórica e metodologicamente com maior ênfase por correntes do neopositivismo; outros por correntes humanísticas e psicológicas da geografia da percepção e pela fenomenologia; outros, ainda, pelo materialismo histórico e dialético. (PONTUSCHKA ET AL, 2007, P. 38).

Em meados dos anos de 1900, a geografia se consolidou nas escolas brasileiras através da ideia de inserção de conhecimento dos aspectos naturais e regionais do país. Porém, tal interesse buscava, sobretudo, despertar nos discentes o sentimento de patriotismo. Em meados de 1934, a Geografia chegou às instituições universitárias com início na cidade de São Paulo, trazendo em seu cenário tendências tradicionais influenciadas pela escola francesa. De acordo com Cassab (2009), a implementação da ditadura confirma a função que a Geografia já havia sido incumbida nas décadas anteriores, pois ela continuou a servir de ferramenta ideológica aos governantes, a partir de então, os militares que exerciam o controle sobre a nação exigiam um ensino geográfico com moldes tradicionais e a serviço da política da época.

Durante esse período, as concepções de conhecimento existentes na organização curricular demonstram um caráter racionalista e estanque do conhecimento que vinha ganhando incentivo e propriedade. Passou a vigorar o entendimento de que para o Brasil crescer e se desenvolver era preciso investir na formação profissional de técnicos, e que a escola passaria a ser responsável pela formação de mão de obra para as indústrias em pleno processo de crescimento.

Nessa perspectiva, de acordo com Cassab (2009), a Geografia e a História foram

unificadas em uma única disciplina, denominada de Estudos Sociais. Essa iniciativa do Governo Militar visava coibir o surgimento de movimentos, alegando que a Geografia e a História figuravam como uma ameaça política.

No final da década de 70, em 1978, as influências de Yves Lacoste e do maior geógrafo brasileiro, Milton Santos, além de impulsionar a geografia acadêmica incentivaram mudanças na geografia escolar, uma vez que despertava a importância da realização de estudos direcionados às relações sociais e seus problemas. Em seu discurso, Milton Santos buscava retratar as disparidades existentes no ensino de Geografia ampliando essa área de conhecimento.

Para Cavalcante (2014), o objetivo da Geografia continua sendo o espaço geográfico porque este engloba o homem e o meio numa inter-relação que se complementa. O espaço é um produto histórico e, conseqüentemente, se torna um conteúdo histórico a ser estudado e compreendido de forma indissociável. As práticas educativas que envolvem o espaço geográfico assumem uma responsabilidade voltada para as questões socioespaciais que o envolvem.

Para Ribeiro (2011), a redemocratização do Brasil, após o fim da ditadura em 1985 representou novos desafios para o campo educacional. Era preciso reorganizar e reestruturar o território em todas as suas dimensões. “Em decorrência disso, a segunda parte da década de 1980 e a década de 1990 foram marcadas por várias novas propostas curriculares destinadas para a 5ª e a 8ª série” (RIBEIRO, 2011, p. 832).

Necessitava-se, assim, mudar os aspectos referentes aos conteúdos e métodos de ensino escolar considerando as ideologias políticas, sociais e econômicas a serem estudadas, mas, sobretudo, valorizando as interações entre o homem e o meio. Apesar das inovações trazidas pela geografia crítica com tendência humanística, somente com a definição dos objetivos do ensino de geografia estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1998, o trabalho dos educadores teve um melhor encaminhamento.

No entanto, Pontuschka et al (2007) ressaltam que é importante compreender que a Geografia, sozinha, não dá conta dos objetivos que a escola se propõe. Quando associada a outras disciplinas do currículo, a Geografia pode ser um instrumental valioso e indispensável para elevar a criticidade dos alunos, pois trata de realidades condizentes com polêmicas atuais e históricas que compõem o quadro social e político do país e do mundo, além de aspectos referentes ao meio ambiente e a natureza.

Pontuschka et al (2007, p. 114) destacam a importância de um currículo integrado que valorize o ensino de geografia e enriqueça as aulas nos dias atuais ao afirmar que “Para a

aprendizagem significativa, pode-se pensar como os diferentes saberes interagem para produzir outro saber, representado pelo escolar, que não se confunde com o acadêmico, mas não prescinde deste na construção do saber a ser ensinado.” Desse modo, o professor pode buscar em outros livros didáticos ou matérias de apoio significado para suas aulas e os assuntos em discussão.

A trajetória do ensino da geografia nas escolas brasileiras abrange transformações oriundas do tempo e do espaço e acompanha a evolução de um povo e sua história. Desse modo, Callai (2015) aponta que a prática do ensino desta disciplina deve refletir sobre acontecimentos reais de forma conjunta com os demais componentes curriculares. Para tanto,

O ensino de Geografia, bem como dos demais componentes curriculares, tem que considerar necessariamente a análise e a crítica que se faz atualmente à instituição escola, situando-a no contexto político social e econômico do mundo e em especial do Brasil. Tanto a escola como a disciplina de geografia devem ser consideradas no âmbito da sociedade da qual fazem parte. (CALLAI, 2015, p. 134).

Torna-se válido analisar a importância de uma troca de experiências, uma vez que a interação com os professores das demais áreas do conhecimento podem trazer contribuições significativas para o entendimento de fatos e inquietações que originam debates no meio escolar. Ao valorizar a cultura escolar e os saberes que a constituem, abrem-se vieses para a mobilização de toda a possibilidade existente nesse espaço em direção à formação do aluno enquanto ser ativo que participa de grupos sociais nas instituições a que pertence.

Compreendendo a dinâmica do ensino de geografia nas escolas brasileiras e suas adequações e reajustes ao longo tempo é importante considerar o objetivo do ensino de geografia e sua relevância para os discentes, para que se possa encontrar metodologias atrativas e envolventes que despertem o interesse do aluno. Reconhecendo o objeto da Geografia, o seu instrumental e os mecanismos metodológicos que contribuam para o desenvolvimento das atividades em sala.

Diante do exposto, Pontuschka et al (2007) destacam a importância dos PCN para a orientação do ensino de geografia nas escolas:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia para o ensino fundamental propõem um trabalho pedagógico que visa ampliar as capacidades dos alunos de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem de diferentes paisagens e espaços geográficos. [...]. (PONTUSCHKA, 2007, p. 75).

A geografia enquanto disciplina escolar contribui para que professores e alunos possam adquirir novos conhecimentos sobre o mundo que os rodeia e a sociedade a que

pertencem. Ao longo do tempo, as compreensões tornaram-se mais nítidas através de novos recursos e tecnologias que permitem impulsionar novas investigações e descobertas no campo científico.

A escola surge então, como um lugar de pesquisa, de análise de conhecimentos diversos e diálogos voltados para a cidadania. A geografia traz à tona possibilidades de questionamentos, desmembramentos e críticas tanto no aspecto científico como no social. Considerando tais possibilidades, Callai (2015) aponta que os currículos das escolas modernas devem ser pensados de acordo com a realidade vivenciada pela comunidade escolar e suas perspectivas. Percebe-se que,

Não é possível aceitar que se devam estabelecer planos oficiais com a definição dos conteúdos de cima para baixo a fim de obter através de uma homogeneidade a garantia da qualidade, mas nem por isso deve-se desprezar proposições alternativas de modelos como sugestões em nome de que cada professor deve ter sua autonomia. O que não pode acontecer é se impedir o professor de pensar alternativas, de escolher ou de criar. Vai depender das suas condições, que aliás são um tanto precárias pela própria formação acadêmica que tiveram num momento da história brasileira em que se recebia tudo pronto para não se correr o risco de tentar alternativas que não interessassem. (CALLAI, 2015, 135).

A autora enfatiza a importância da autonomia que deve ser dada a cada educador promovendo a heterogeneidade dentro da instituição escolar de modo que estes pensem em alternativas que os levem a escolher e criar possibilidades de ensino inovador e que supere, muitas vezes, a formação precária que receberam na academia. A geografia se adequa e se transpõe ao momento em que as coisas acontecem, por isso deve estar atenta às descobertas.

2.3 Concepções sobre o histórico do livro didático e sua utilidade

O livro didático que tem surgimento por volta da década de 1930 com um propósito informal de ensinar ler, escrever e contar e com exemplares pouco dinâmicos passou por inúmeras modificações durante os próximos anos para se adaptar ao modelo de ensino vigente que se alterava constantemente para atender os propósitos da educação brasileira. Em meados da década de 60 em diante o livro didático entra numa esfera política de comercialização para atender todos os alunos do ensino público, e os docentes conquistam a autonomia de escolher quais os livros utilizarão nas salas de aula em cada disciplina, lembrando que nesta época o ensino de história e geografia, por exemplo, ainda eram compactuados em disciplinas como Estudos Sociais no ensino fundamental, mudando de contexto apenas a partir de 1990, quando

foram desmembradas as disciplinas e os livros didáticos tornaram-se específicos para cada uma delas.

A linguagem utilizada nos livros também se adaptaram as mudanças e critérios exigidos para se adequar ao uso em salas de aula, seguindo um cronograma pedagógico que atendesse ao ano letivo de forma coerente de início ao fim do ano. Neste contexto percebe-se que entre as alterações do livro está um item relevante, a linguagem utilizada nos mesmos, alterada conforme as necessidades de transformação, o que pode ser notado nas três últimas décadas do século XX, quando a linguagem do texto didático passou por mudanças significativas. Os textos escolares eram escritos até 1960, em um vocabulário próximo do acadêmico, passou a partir de 1970 a aproximar-se da linguagem do público leitor, facilitando então o aprendiz e não apenas o transmissor do conhecimento (GATTI JUNIOR, 2004, p.45.).

As mudanças também ocorridas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foram decisivas para as alterações presenciadas no cenário educacional ao longo dos anos, direcionando para o melhor caminho e forma de ensino. O programa data de 1985, embora já existisse há décadas atrás com outra denominação, podendo ser considerado desde 1929, uma vez que de acordo com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE, 2018), O Instituto Nacional do Livro (INL) foi criado para legislar sobre políticas do livro didático, dando-lhe maior legitimidade e aumentando sua produção. Assim, pode-se considerar este, o primeiro passo para a aquisição e distribuição do livro didático padronizado ao modelo de ensino vigente nas escolas públicas do país.

Com o avanço na educação e política do país bem como em todos os âmbitos sociais e econômicos a concorrência entre as editoras de livros didáticos aumentaram e, portanto, a escolha do livro passou a ser mais criteriosa, com exigências que contemplem o modelo de ensino adotado pela instituição, que mais tardar seria em sua maioria o modelo construtivista. Nesse sentido, Freitas e Rodrigues (2008) salientam que o direito de escolha do livro didático a ser utilizado ficou restringido a equipe docente passando a ser um direito assegurado pelo Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/45, contemplando o livro como recurso fundamental para o ensino, mesmo para os professores mais capacitados e com metodologias modernas, que devem agregar um método ao outro para enriquecer sua pedagogia de ensino, não dispensando nenhuma técnica de colaboração para o exercício da docência.

Sempre teve questionamentos e controvérsias sobre o conceito de livro didático, principalmente com a mudança ocorrida no cenário educacional brasileiro, quando o modelo de escola tradicional perdeu espaço para o modelo novo e construtivista que surgiu no Brasil por volta da década de 1970, graças às teorias de Jean Piaget, que começava a se fazer

presente no cenário educacional e influencias de Lev Vygotsky também contribui para a corrente construtivista. Neste cenário, o personagem central deixava de ser o professor, e o aluno torna-se o objeto central da proposta da nova escola.

O LD (Livro Didático) passara a ser contextualizado, divergindo do conceito inicial de material pronto e acabado essencial para o ensino. D'Ávila (2008) afirma que o LD pode ser considerado um manual para o professor, direcionando as aulas e situando docentes e discentes em um mesmo contexto didático, que pode ser complementado com outros recursos pedagógicos, mas pode ser considerado indispensável porque explica detalhadamente cada passo a ser seguido na transmissão dos conteúdos programáticos. Enquanto isso Silva (2000) compreende que qualquer texto pode ser considerado como recurso didático e principalmente, na escola moderna, o uso de material impresso, mimeografia, retroprojeter, xérox e demais outras tantas possibilidades podem substituir o livro didático, principalmente para professores capacitados e modernos que conduzem suas aulas de acordo com a realidade do país e os interesses sócio/políticos da sociedade.

Num contexto atualizado e condizente com as propostas escolares modernas, Silva (2000) corrobora que um livro ao atender propósitos de aprendizagem em algum momento, poder ser considerado didático. E a partir daí compete ao professor conduzir suas aulas de acordo com os recursos que considerar necessários e escolher para sua metodologia pedagógica. O livro didático pode sim estar incluso neste contexto educacional, mas não como exclusividade, pois se assim for, o ensino pode se tornar arcaico e cansativo para um público que conhece técnicas modernizadas e tem acesso fácil aos conteúdos que lhe despertarem curiosidade.

A grande vantagem do LD está na sua utilidade coletiva, abrangendo professores e alunos numa mesma conjuntura e raciocínio, mesmo que tenha sua importância funcional de acordo com os objetivos de cada um que faz uso. O educador pode encontrar subsidio no LD para reforçar seus conhecimentos ou atualizá-lo sobre determinados temas específicos, além de direcioná-lo para elaboração de uma sequencia didática a se apresentar em sala de aula. Já para os discentes, o livro provém uma organização sistemática de conteúdos a serem estudados, mesmo que se reforcem com atividades extras, auxiliando o aluno no acompanhamento da aula de forma coesa e orientando o mesmo em suas atividades de casa, como exercícios ou estudos para provas e seminários. (LIBÂNEO, 2002).

Assim, o livro didático é na perspectiva de Lajolo (1996) totalmente direcionado ao público escolar, sendo oferecido a cada inicio de ano letivo e (quase) desaparecendo nas prateleiras de livrarias no resto do ano, como também sendo substituído a cada final de ano

escolar estudado. Sua utilidade didática pedagógica faz com que o livro perpassa de aluno para aluno durante um período de tempo considerado válido, o que pode ser compreendido como um público usuário e não leitores, já que (quase) ninguém vai adquirir o LD para fins de posse, mas como material fomento em cada etapa, conforme os ajustes e necessidade da situação.

A forma de manuseio do LD é ditada pelo professor de cada disciplina, que reconhecendo as falhas existentes nos mesmos, podem extrair o melhor que há naqueles e complementá-los com suas metodologias e materiais considerados relevantes a cada realidade, permitindo ao aluno o manuseio do LD e o seu desenvolvimento cognitivo intelectual para compreensão das diversidades existentes nas leituras em livros e demais tipos textuais existentes (LAJOLO, 1996).

Na perspectiva de Lajolo (2018), o livro didático tem uma característica peculiar por sua importância e significado. Além de textos informativos sobre as mais diversas disciplinas, o LD é enriquecido por atividades e exercícios, além de tabelas e ilustrações que auxiliam os usuários na produção e aquisição da aprendizagem.

Compreendendo que o livro didático não se constitui apenas de linguagem verbal, mas de variadas formas de informação, entende-se que todas as linguagens presentes no livro devem ser úteis, possuir nitidez e direcionar os leitores para novas buscas referentes a problemática estudada. Um livro didático é naturalmente amplo, rico e possui em seu cerne um direcionamento para alunos e professores que dele se utiliza.

Além de conteúdos, o livro didático transmite valores e possibilita ao aluno a adoção de atitudes específicas que contribuem para a compreensão e resolução das atividades propostas. Seu uso através da leitura e manuseio deve ser adequado à proposta da disciplina e da escola como um todo. Por isso, cabe aos professores a escolha daqueles que melhor respondam aos seus anseios e do alunado em geral, de modo a seguir um caminho metodológico que permita um trabalho interdisciplinar com as temáticas abordadas (LAJOLO, 2018).

Sabendo que o significado do livro didático deve ser condizente com a realidade em que a escola se insere, torna-se nítido sua relação com os padrões de conhecimento socialmente produzidos, ou seja, o conteúdo em si deve estar relacionado com a vivência de cada localidade, respeitando os avanços e limitações da comunidade escolar.

Ao considerar a escola, o professor utilizando-se dos conhecimentos já produzidos deve vincular o saber sistematizado e considerado legítimo aos questionamentos e expectativas dos discentes. De acordo com Lajolo (2018), ao mesmo tempo em que as

informações contidas nos livros devem atender as diretrizes educacionais é necessário, também, subsidiar o fazer pedagógico complementando as atividades propostas.

Diante da compreensão do valor do livro didático como suporte para as atividades pedagógicas, a tabela a seguir resulta de uma pesquisa nos Guias do livro didático de 2001 a 2016 e mostra as coleções aprovadas para serem adotadas pelas escolas de todo país.

Tabela 1- Coleções referentes à disciplina de Geografia aprovadas nas edições do PNLD 2001, 2005, 2008, 2011, 2014 e 2016.

Nome das coleções	Autores	Editora	Ano de aprovação no PNLD
Geografia (Espaço Geográfico)	Hélio Carlos Garcia	Scipione	2005/2008
Geografia Para todos.	Henrique Delboni et al	Scipione	2008
Trilhas da Geografia	João C. Moreira e J. Eustáquio de Sene	Scipione	2002/ 2005
Geografia	João C. Moreira e J. Eustáquio de Sene	Scipione	2008/2011
Velear Geografia	João C. Moreira e J. Eustáquio de Sene	Scipione	2014
Construindo Consciências	Beluce Belucci e Valquíria Pires Garcia	Scipione	2008
Projeto Radix	Beluce Belucci e Valquíria Pires Garcia	Scipione	2011/2014
Geografia Crítica Ática	José W. Vesentini e Vânia Vlach	Ática	2002/ 2005 2008/ 2011
Projeto Teláris – Geografia	José W. Vesentini e Vânia Vlach	Ática	2014
Construindo o Espaço	Igor Moreira/ 2002 I. Moreira e Elizabeth Auricchio 2005/08	Ática	2002/ 2005/ 200
A Geografia da Gente	Ieda M. Nogueira	Ática	2008
Geografia Moderna	Melhem Adas	Moderna	2002/ 2005

			2008/ 2011
Construindo a Geografia	Regina Araújo et al.	Moderna	2002/ 2005/ 2008
Géia - Fundamentos da Geografia	Demétrio Magnoli	Moderna	2008
Projeto Araribá - Geografia	Sônia Danelli (2008/11) Fernando Vedovate 2014	Moderna	2008/ 2011/ 2014
Expedições Geográficas	Melhem Adas Sérgio Adas	Moderna	2014
Observatório de Geografia	Angela. da Silva et al.	Moderna	2014
Geografia (Séries) Quinteto 2005	Sonia Castellar e Valter Maestro	Quinteto Editorial (adquirida p. FTD)	2005
Geografia Ciência do	D. Pereira, D. Santos e M. Carvalho	Espaço Atual/ Saraiva	2002/ 2005
Geografia – Homem & Espaço 2002/ 2005/ 2008/ 2014	Elian Lucci/ 2002 e Elian e Ancelmo Branco 2005/ 2008/ 2014	Saraiva	2002/ 2005/ 2008/ 2014
Geografia espaço e vivência	Andressa T. Boligian et al.	Atual/ Saraiva 2005 Saraiva 2011/ 2014	2005/ 2011/ 2014
Jornadas. Geo	Angela Rama Marcelo Paula	Saraiva	2014
Por dentro da Geografia	Wagner C. Ribeiro	Saraiva	2014
Geografia (Séries)	Sonia Castellar e Valter Maestro	FTD	2008
Geografia – Estudos para a apreensão do espaço	James Tamdijian e Ivan Mendes	FTD	2014
Geografia uma leitura do mundo	Sonia Castellar e Valter Maestro	FTD	2014
Vontade de saber	Neiva Torrezani	FTD	2014

Geografia			
Geografias do Mundo	Diamantino Pereira e Marcos Carvalho	FTD	2008/2011/ 2014
Série Link do Espaço	Denise Rockenbach et al.	Escala Educacional	2005/ 2008
Geografia, Sociedade e Cotidiano.	Dadá Martins et al.	Escala Educacional	2008/ 2011/ 2014
Geografia Dinâmica e contrastes	Paulo Moraes, H. Garcia e T. Gavarello	Escala Educacional	2014
Geografia (Elos)	Elce M. Silva et al.	Ibep	2008
Geovida Olhar Geográfico	Fernanda Padovesi et al.	Ibep	2008
Geografia do Século XXI – Geo. e participação	Maria Inês Vieira	Ibep	2014
Para viver juntos Geografia	Fernando Sampaio et al.	Edições SM	2011/ 2014
Geografia em Foco Adriano Baroni	Adriano Baroni	Leya	2014
Geografia nos dias de hoje	Rosaly B. Chianca	Leya	2014
Geografia do Século XXI	Francisco C. Sampaio	Positivo	2008
Mundo da Geografia	Igor Moreira	Positivo	2014
Coleção Geografia	Roberto Giansanti	AJS	2014
Perspectiva Geográfica	Claúdia de Magalhães et al.	Editora do Brasil	2011/ 2014
O mundo da Geografia.	Laercio de Mello e Hamilton Bettes Jr	Terra Sul	2014
Vontade de Aprender Geografia	Neiva Camargo Torrezani	FTD	2014/2016/2017

Fonte: Oliveira Gonçalves, dados da pesquisa, 2018.

Observa-se uma variedade de material com diferentes perspectivas que foram adotados ao longo de dezessete anos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Essa compreensão permite uma valorização do livro didático que ultrapassa sua utilidade como instrumento pedagógico, uma vez que suas páginas são ricas em assuntos diversos que, na maioria das vezes, podem ser utilizados em consonância com outras temáticas e contextos. Um bom livro associado a uma metodologia que atente para a sua valorização podem ser considerados como embasamento para uma prática que instigue a pesquisa e o encontro de novos saberes.

2.4 Um olhar sobre os conteúdos do livro didático de Geografia do 9º ano da segunda fase do Ensino Fundamental

Na perspectiva de unir teoria e prática, a Educação Geográfica tem sido discutida nos livros didáticos buscando uma aproximação do aluno com os mais diversos acontecimentos locais e globais que constituem o campo dessa ciência. Desse modo, inserem em suas análises e apresentação de conteúdos encaminhamentos teórico-metodológicos, com a finalidade de construir o saber geográfico, sob a ótica da complexidade, em busca da compreensão, análise e interpretação das transformações espaciais no mundo contemporâneo.

Conforme Nogueira e Carneiro (2009, p. 3):

A educação geográfica apoiará os sujeitos-alunos a formarem uma consciência da espacialidade dos fenômenos vivenciados como parte da sua história sociocultural: consciência da possibilidade de intervenção no mundo, do agenciamento da condição de sujeitos nesse mundo. Assim, os atos de ler o mundo, indagar-se sobre ele, questioná-lo, explicá-lo, implicam – ao educador – entender a educação geográfica como processo que entende o sujeito-aluno enquanto agenciador, alguém que, ao ler o mundo, projeta um mundo. (CARNEIRO, 2009, p. 3).

A escola, por intermédio do professor de Geografia deve pensar o aluno como ser social e criativo, ou seja, alguém que não é alheio aos acontecimentos à sua volta. Apesar de inserido em um mundo em movimento, o aluno precisa de estímulos para desenvolver uma leitura ampla daquilo que ele vê. Ler o mundo requer apoio no processo pedagógico e, portanto, o professor aparece como facilitador desse processo.

Diante do exposto, a Geografia escolar precisa dar conta de alguns conceitos, teorias e demonstrações por meio de figuras e mapas da realidade existente. Por esse viés, o livro didático surge como suporte para o exercício do educador, já que traz estudos diferenciados para o 9ª ano do Ensino Fundamental. Nele, alunos e professores encontram dicas, orientações para novas pesquisas e informações que dão embasamento aos acontecimentos ocorridos nos continentes europeu, asiático e na Oceania.

Ao enfatizar a inserção do livro nas escolas como elemento essencial de apoio aos sujeitos da aprendizagem, Lajolo (2008, p. 4-5) salienta que “Em sociedades como a brasileira, livros didáticos e não-didáticos são centrais na produção, circulação e apropriação de conhecimentos, sobretudo dos conhecimentos por cuja difusão a escola é responsável”. Todos os livros adotados pelas instituições escolares possuem sua devida importância nas aulas e podem ser explorados de maneiras distintas conforme a criatividade do educador.

Na busca pela compreensão de como o livro didático de Geografia pode ser útil na prática cotidiana, Lajolo (2008) salienta que:

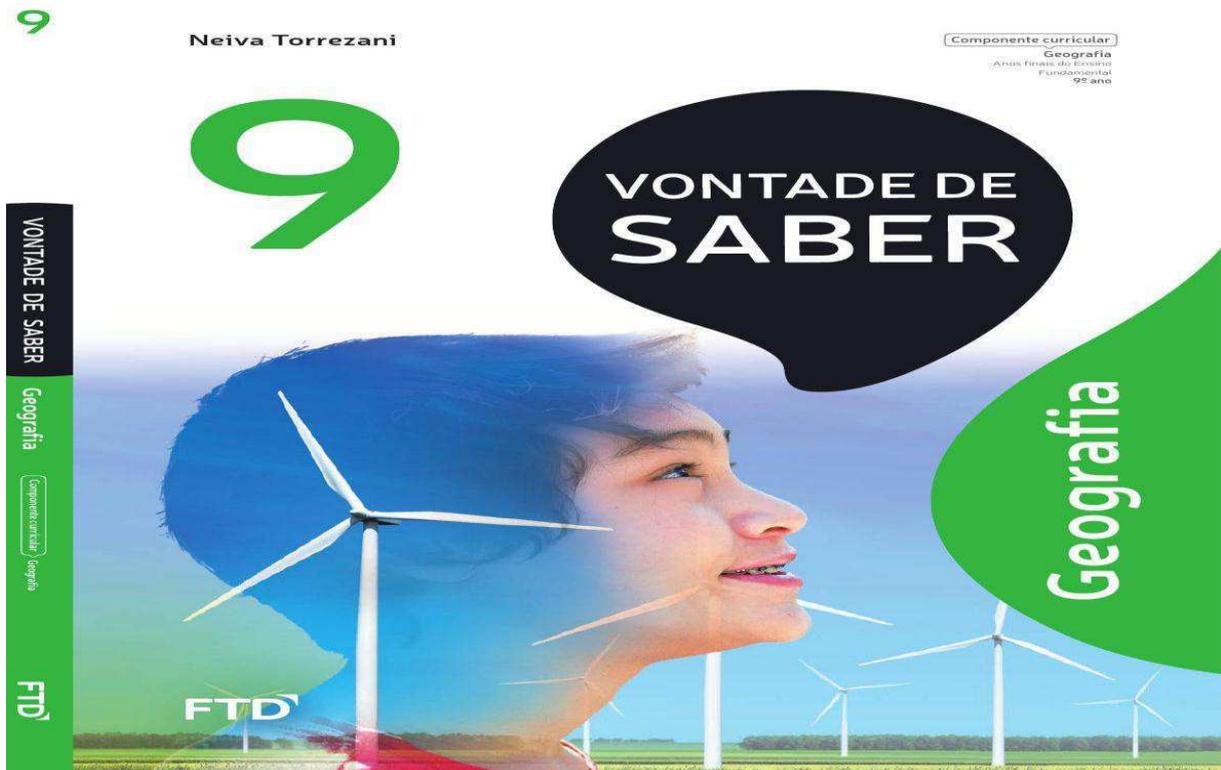
Como sugere o adjetivo didático, que qualifica e define um certo tipo de obra, o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. Muito embora não seja o único material de que professores e alunos vão valer-se no processo de ensino e aprendizagem, ele pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares. (LAJOLO, 2008, p. 4).

O livro didático para ser utilizado por professores e alunos nas escolas públicas brasileiras precisa estar incluído nas políticas educacionais. Por existir uma diversidade de produções no mercado, escola e professores devem ficar atentos à seleção do melhor material a ser adquirido. Quando adotado, um livro didático torna-se um instrumento de acompanhamento para estudo de conteúdos e atividades.

O livro didático escolhido para a pesquisa é intitulado como “Vontade de Saber Geografia” da autora Neiva Camargo Torrezani do ano de 2015 da Editora FTD e adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático para 2017, especialmente porque abrange uma diversidade de temas inerentes a três continentes específicos (Europa, Ásia e Oceania), além de conhecimentos sobre aspectos da globalização e do meio ambiente. O livro é utilizado pelos professores da Escola Santa Maria Gorete, localizada na Cidade de São José de Piranhas-PB, tendo em vista seu envio pelo governo do estado bem como sua importância em sala de aula.

A capa atrai a atenção imediata porque convida alunos e professores a observar a Geografia com prazer e contentamento, já que traz a figura humana em meio à geração de energia eólica, tão importante nos dias atuais devido à escassez de água no Brasil e no mundo. O olhar fixo e o sorriso tímido da imagem demonstram naturalidade em meio ao espaço geográfico evidenciando o prazer da descoberta. A imagem a seguir traduz a vontade de saber e a importância da busca incessante pelo conhecimento geográfico.

Figura 01: Capa do livro Vontade de saber Geografia.



Fonte: Oliveira Gonçalves, dados da pesquisa, 2018.

Nesse contexto, o livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental traz em seu cerne aspectos físicos e humanos de três continentes que compõem o planeta. O primeiro capítulo trata sobre a Europa Ocidental abrangendo aspectos gerais do ocidente europeu como regionalização, população e sua distribuição, a elevada qualidade de vida e as questões referentes ao envelhecimento da população e a queda da natalidade, bem como os fluxos migratórios em expansão para esse continente. Destaca, ainda, as características naturais como relevo e hidrografia, clima e formações naturais.

Apesar de abordar apenas três continentes e suas respectivas singularidades, excluindo o continente africano e americano, o livro utilizado nas aulas de Geografia traz ilustrações em cada capítulo enriquecendo a compreensão do aluno, uma vez que ao visualizar imagens torna-se possível uma melhor apreensão do real.

Observa-se, também, que a obra traz em seu início um chamamento para a inserção dos discentes em um mundo incrível de descobertas por meio da apresentação do volume. Em cada final de capítulo há sugestões de atividades, um fato curioso denominado de explorando o tema, além do momento da cartografia em alguns capítulos.

Em sua segunda parte, a obra dedica-se ao estudo da Europa Oriental e o passado socialista enfatizando o socialismo, sua expansão e queda no leste europeu e as comunidades dos Estados independentes. Em todo o seu desenvolvimento é possível observar nas páginas que a constituem que a Geografia identifica como centro de suas discussões a capacidade de observação do mundo, detalhes esses que são validados por meio de fotos.

No terceiro capítulo, o livro adotado discorre sobre o território da Ásia e suas principais características naturais como relevo, hidrografia, clima e vegetação, além da distribuição da população, crescimento e os constantes indicadores socioeconômicos. Pretende identificar a localização dos lugares, dos fenômenos e, a partir disso, desvendar os seus significados. É notável que a todo o momento o ensino de Geografia verifica onde se localiza cada porção do planeta e o que acontece em cada território.

Trata ainda sobre o Oriente Médio e seus aspectos populacionais enfatizando sua importância na economia petrolífera e o possível esgotamento das reservas de petróleo. Ao discorrer sobre a Oceania e regiões polares têm-se um estudo das características físicas locais, bem como da sua população nativa e a população atual da Austrália e da Nova Zelândia, seu espaço agrário, industrial, recursos minerais e turismo.

O livro traz, também, as tendências do mundo globalizado como a dinâmica dos meios de transporte e as tecnologias do cotidiano como internet e sua disseminação. Considerando os fluxos populacionais e a xenofobia, migrações clandestinas e os refugiados por questões políticas, sociais e ambientais. Inclui-se, ainda, em seu enfoque os desafios para um meio ambiente melhor por meio de debates sobre a sociedade do consumo (água, alimento), assim como meio ambiente e agricultura, organismos geneticamente modificados, produtos transgênicos e o aumento do lixo nas diversas regiões do planeta.

Ao discorrer sobre a problemática do meio ambiente nas aulas de geografia, bem como no livro didático, Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) reforçam que, praticamente, quase todos os conteúdos previstos no rol do meio ambiente podem ser abordados pelo olhar da Geografia, uma vez que essa ciência facilita uma compreensão dos problemas ambientais de ordem local, regional e global (PCN, 1998). Por isso, os conteúdos devem ser explorados e organizados conforme facilite seu estudo e análise pelo discente, os quais devem gerar questionamentos e apontar intervenções precisas.

Identifica-se que o livro didático contempla as perspectivas históricas, políticas, sociais e culturais à medida que enfatiza os aspectos físicos e humanos dos continentes, dando ênfase a evolução do povo e suas conquistas. Considerando a preocupação da autora em trazer para a escola questões atuais e pertinentes para adolescentes e jovens preocupados com o

planeta e sua sobrevivência. Desse modo, entende-se que diante da conjuntura mundial abordar a questão da sustentabilidade tornou-se responsabilidade de todos, seja por meio escrito ou falado, por isso o material entregue aos alunos deve ser plural.

Ao observar que o livro adotado contempla aspectos cartográficos para explicar alguns acontecimentos mundiais, tem-se embasamento nos dizeres de Castelar (2010, p.38) ao afirmar que:

A cartografia é considerada uma linguagem, um sistema-código de). Comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ler e escrever as características do território. Nesse contexto, a cartografia escolar é uma opção metodológica, o que implica utilizá-la em todos os conteúdos da geografia, para não apenas identificar e conhecer a localização, mas entender as relações entre os países, os conflitos e a ocupação do espaço, a partir da interpretação e leitura de códigos específicos da cartografia. (CASTELAR, 2010, P. 38).

Essa dimensão enfatiza a importância da cartografia como linguagem gráfica envolta numa percepção visual privilegiada, onde se é possível compreender dimensões minuciosas do meio, as quais seriam imperceptíveis e incalculáveis sem o auxílio cartográfico. Além de favorecer o entendimento do aluno essa linguagem auxilia o professor ao explicar os conteúdos e mencionar locais exatos no processo de ensino aprendizagem de Geografia.

Na perspectiva de Prado (2014), a linguagem cartográfica permite ao educando uma compreensão do seu lugar, antes mesmo de analisar dimensões maiores e mais distantes possibilitando reflexões sobre as espacialidades visíveis e vivenciadas por ele. No cotidiano, o aluno utiliza-se dessa linguagem para se deslocar nos trajetos desconhecidos ou, simplesmente, ir de casa à escola. Para interpretar os códigos cartográficos é preciso que o aluno detenha o mínimo de conhecimentos referentes à temática.

Nessa perspectiva, ao abordar conhecimentos múltiplos, incluindo o momento da cartografia, o livro didático de Geografia adotado pela escola para o 9º ano do Ensino Fundamental explora os temas de maneira informativa, possibilitando aos discentes refletir sobre o texto e dando sentido as imagens e figuras que o constitui. A princípio, realiza uma viagem pelo planeta se aprofundando em algumas áreas e focalizando suas realidades. O formulário a seguir traz as principais características do livro em análise.

Quadro 1- Formulário de verificação do livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental II

Titulo do livro
Autores
Formação dos autores do livro
Análise do livro didático com enfoque para os Continentes, Globalização e o mundo atual e os desafios para um meio Ambiente melhor.
Linha de abordagem, expressa no discurso da Geografia Contemporânea e Crítica.
Parte textual e figurativa
Atividades propostas
Momento da Cartografia
Explorando o tema
Mapas
Bibliografia

Fonte: Oliveira Gonçalves, dados da pesquisa, 2017.

Diante da importância dos conhecimentos cartográficos presentes no livro didático e sua contribuição para o dia a dia dos alunos, constata-se de acordo com as informações do quadro acima que os códigos cartográficos estudados pelos discentes ao longo do percurso escolar pode auxiliá-los nessa fase a compreenderem dimensões maiores, ou seja, países, continentes, etc, já que as informações contidas neste exemplar abrangem escalas amplas da geografia.

Nesse contexto, percebe-se que o livro didático em análise se restringe ao demarcar a quantidade de continentes estudados, porém permite uma oportunidade ampla de discussão sobre os conteúdos. A delimitação enriquece a interação professor/aluno com o intuito de promover aprendizagem, assim, os alunos dispõem de mais tempo para se aprofundar sobre aspectos populacionais e físicos da Ásia, Europa e Oceania, responder atividades e produzir textos e mapas sobre cada território.

Considerando que o educador deve ter conhecimento da abordagem do conteúdo e do processo de ensino aprendizagem que deseja seguir, observa-se que sua prática precisa seguir

uma linha teórica condizente com seus pensamentos e ideais. Nesse contexto, Castellar e Vilhena (2010) afirmam que:

Assim sendo, o professor deve perceber se há, no corpo do livro didático, coerência entre a concepção da obra e o modo como o conteúdo é tratado: escolha e sequência temática, organização das atividades e linguagem, sendo esses alguns exemplos que retratam a concepção teórico-metodológico do livro didático. Além disso, para utilizar um livro didático com eficácia, é importante que o docente considere os objetivos apresentados nas unidades ou nos capítulos para se apropriar da proposta pedagógica presente neles, tornando os conteúdos mais significativos e menos descritivos. (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 138).

Os objetivos presentes nas unidades permite uma compreensão imediata do conteúdo levando a uma avaliação das concepções reveladas pela proposta pedagógica, o que mostra vieses para uma abordagem coerente do texto. Escolher um livro é, portanto, uma tarefa que exige aprofundamento de seu contexto, prioridades dos autores responsáveis pela obra e dinâmica seguida pela sequência didática.

Ao trabalhar questões interdisciplinares presentes no livro o educador como grande responsável pela elaboração de planos com objetivos direcionados para cada público que atende, deve seguir metodologias específicas de acordo com a realidade dos seus alunos e não apenas atendendo critérios sequenciais do livro didático, uma vez que o professor é o grande conhecedor da comunidade em que atua, e deve considerar os aspectos dos grupos sociais que lhe competem, adaptando o conteúdo do livro e demais recursos pedagógicos.

O livro destaca aspectos referentes à cidadania quando discorre sobre os efeitos da globalização, assim como as questões ambientais que assolam o planeta e afetam a vida de milhares de pessoas. Damiani (2011, p. 50) explica como a cidadania acontece em conexão com o espaço:

a noção de cidadania envolve o sentido que se tem do lugar e do espaço, já que se trata da materialização das relações de todas as ordens, próximas ou distantes. Conhecer o espaço é conhecer a rede de relações a que se está sujeito, da qual se é sujeito. (DAMIANI, 2011, p. 50).

A prática pedagógica pautada nos moldes da cidadania permite uma aproximação entre os sujeitos da aprendizagem e o desenvolvimento do respeito mútuo, uma vez que a educação geográfica valoriza e considera os seres humanos como elementos essenciais do espaço geográfico leva o discente a formar juízo de valor e reconhecer-se enquanto cidadão ativo no espaço em que habita.

3 O USO DE DIFERENTES RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO

3.1 Principais recursos utilizados no ensino de geografia nos anos finais do Ensino Fundamental

Compreendendo a necessidade de estudar e conhecer a complexidade que abrange o ensino de geografia nas escolas, entende-se que trabalhar os diferentes conteúdos no cotidiano escolar requer um conhecimento prévio que, muitas vezes, é desconsiderado no cotidiano da prática pedagógica. Nessa perspectiva, compreende que é preciso considerar o conhecimento trazido pelos alunos, complementando-o com teorias científicas em sala de aula.

Kimura (2011) considera que há uma velha polêmica envolvendo os conteúdos e metodologias do ensino em relação à ciência geográfica que busca uma compreensão contextualizada de algumas questões de ensino dessa disciplina. Em sua análise, ocorreram vários avanços ao longo do tempo no cenário educacional, onde o aluno passou de sujeito passivo a sujeito ativo, pensante e apto a mudanças. Considerando que a prática pedagógica necessita de uma base com orientações didáticas que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem da Geografia, o Parâmetro Curricular Nacional para o ensino fundamental (PCN 2001) aponta para um ensino que procure atender as expectativas dos alunos, seja para o mercado de trabalho, como na sua formação cidadã.

Dos Santos e Chiapetti (2012), ressalta a falta de motivação de grande parte dos discentes diante de determinadas aulas e destaca a importância de se pensar aulas dinâmicas e atraentes de modo a envolver os sujeitos da aprendizagem mantendo-os atentos e participativos. Assim,

Um dos grandes problemas enfrentados pela escola pública brasileira atualmente é a falta de motivação dos alunos em relação às aulas. Os alunos vivem em um mundo de complexas transformações socioeconômicas, tecnológicas, políticas, e vão para a sala de aula cheios dessas expectativas e agitações. Por outro lado, nem sempre encontram na escola um ambiente agradável e motivador. (DOS SANTOS; CHIAPETTI, 2012, p. 168).

Desse modo, o sujeito que aprende precisa relacionar-se com o objeto de conhecimento de maneira dinâmica, onde o professor aparece como mediador do saber. Os professores devem adotar outras metodologias, lançar mão de outras ferramentas pedagógicas para tornar o ensino mais atraente e prazeroso valorizando o cotidiano dos alunos. Por esse

viés, a utilização de aulas meramente expositivas nem sempre é eficiente na compreensão, por parte dos estudantes, os quais podem entender a importância do fenômeno ensinado, mas não compreender corretamente os mecanismos envolvidos nos fenômenos sócio espaciais.

No que concerne a utilização de recursos metodológicos como suporte de auxílio ao exercício docente, torna-se válido observar que existe uma gama de possibilidades que subsidiam o livro didático e dá suporte a prática do educador. Por esse viés, Pontuschka et al (2009), consideram a utilização de diversos recursos didáticos essenciais para ampliar as oportunidades de compreensão do espaço e entendimento dos acontecimentos do mundo:

Os recursos didáticos- ou empregados com propostas didáticas-, na qualidade de mediadores do processo de ensino-aprendizagem nos diferentes níveis, obedecem, em sua seleção e utilização, a alguns critérios, tais como adequação aos objetivos propostos, aos conceitos e conteúdos a ser trabalhados, ao encaminhamento do trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula e às características da turma, do ponto de vista das representações que trazem para o interior da sala de aula. Esses recursos, se adequadamente utilizados, permitem melhor aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem, maior participação e interação aluno-aluno e professor-aluno (PONTUSCHKA et al, 2009, p. 215-216).

O fazer pedagógico precisa adequar-se ao contexto onde o aluno está inserido, bem como a escola e a comunidade local. Essa percepção considera a importância de incluir recursos disponíveis na instituição de ensino nas aulas de geografia de modo a torná-los objetos de estudo que complementem o exercício profissional e o processo de ensino aprendizagem.

Nesse contexto, observa-se que existe uma variedade de materiais à disposição dos professores de geografia que podem ser selecionados e usados mediante uma organização e planejamento da aula, assim como dos conteúdos a serem estudados. Ao dinamizar a aula, o professor impõe outros ritmos ao fazer pedagógico enriquecendo a aula.

De acordo com Pontuschka (2009), entre os diversos tipos de recursos didáticos a serem utilizados identifica-se “[...] vários tipos de materiais e linguagens, como livros didáticos, paradidáticos, mapas, gráficos, imagens de satélite, literatura, música, poema, fotografia, filme, videoclipe, jogos dramáticos (PONTUSCHKA et al, 2009, p. 216). Desse modo, cabe ao professor recriar, inventar e produzir conhecimento a partir dos materiais disponíveis.

Considerando que todos os professores são responsáveis pela capacidade leitora e escritora do aluno, independentemente, da disciplina lecionada, o uso de diferentes linguagens nas aulas de geografia torna-se essencial e instigante. Tendo em vista que o objetivo da escola é formar cidadãos críticos e atuantes, as aulas devem ser guiadas por situações que confrontem ideias e aponte caminhos para o aluno se desenvolver.

A utilização de diversas linguagens justifica o incentivo a criação e a descoberta por meio de técnicas de leitura. Um profissional de geografia precisa ser capaz de orientar o aluno a melhorar sua capacidade de ler e produzir um texto, de escrever com coerência e coesão e de despertar as habilidades cognitivas para ouvir e assimilar novos saberes.

Nessa perspectiva, Castellar e Vilhena (2010) afirmam que as atividades de aprendizagem devem aproximar os alunos dos textos produzidos levando-os a distinguirem o estilo de escrita e as tipologias textuais existentes. Considerando que a educação geográfica possui um acervo linguístico, as autoras afirmam que:

Nas aulas de geografia, podemos utilizar diversas propostas usando não apenas o jornal, mas outros gêneros textuais, literatura, científico, audiovisual, além da linguagem cartográfica. Ao utilizar qualquer uma dessas linguagens, propomos como objetivo o uso de diferentes gêneros textuais para estimular a capacidade leitora e possibilitar ao aluno a competência de criar seus próprios textos. Para a concretização desses objetivos, é importante conduzir a aula de maneira que haja emprego de técnicas de leitura e escrita, prever em que momento da aula se fará uso dos textos e quais os métodos utilizados para análises dos textos e relacioná-los com o uso social (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 66).

Ao problematizar um texto em sala de aula, o educador indica possibilidades de um diálogo entre teoria e prática, passado e presente, linguagem formal e informal, incertezas e realidades. Essa concepção reflete a importância de se discutir temáticas atuais e interdisciplinares que respondam aos questionamentos da sociedade e seus anseios.

Observa-se, portanto, que os recursos variam desde aqueles didáticos e simplistas até aos tecnológicos e mais complexos. Nesse cenário, o livro didático, já mencionado anteriormente, é visto como o recurso mais utilizado pelos profissionais da educação em sala de aula, uma vez que está na escola desde os seus primórdios. Ao enfatizar o uso do livro didático em sala de aula como recurso de apoio mais utilizado ao longo do tempo, Castellar e Vilhena (2010) discutem sua importância e significado ao explicar que:

[...] para utilizar um livro didático com eficácia, é importante que o docente considere os objetivos apresentados nas unidades ou nos capítulos para se apropriar da proposta pedagógica presente neles, tornando os conteúdos mais significativos e menos descritivos. (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 138)

Diante dessa compreensão, entende-se que o livro didático é um suporte de função ampla para professores e alunos, porém não deve representar o único recurso para subsidio desses sujeitos. Desse modo, o uso do livro deve representar um ponto de apoio da aula favorecendo a ampliação do conteúdo abordado e o acréscimo de outras atividades através de textos, vídeos, dinâmicas e etc.

Dessa forma, a didática no ensino de Geografia orienta o professor na execução de

suas atividades cotidianas subsidiando desde a seleção do material¹ necessário até o repensar do plano diante de situações que tendem a surgir espontaneamente. As várias maneiras de abordagem e produção do conhecimento devem ser embasadas por objetivos concretos e flexíveis de acordo com a possibilidade de mudanças e realidades diversas que definem e redefine-os.

Partindo desse pressuposto, o uso de diferentes linguagens na aula de geografia favorece a utilização de recursos metodológicos distintos e uma prática metodológica voltada para a realidade que envolve os discentes. Castellar e Vilhena (2010) salientam que o processo de ensino aprendizagem pode ser estimulado através de atividades impactantes que auxiliem na compreensão conceitual da realidade.

O acesso pode se dar através de buscas manuais ou na internet, desde que o professor tenha domínio do uso que fará do recurso e, também, seja seletivo na organização da aula. Reafirmando que todo educador é responsável pela capacidade leitora e escritora da turma, cabe a este utilizar textos, revistas, internet, jornais, mapas, etc, na execução das aulas.

Outros recursos alternativos como música, fotografias, o teatro/dramatização, os quadrinhos/charge/cartum e a TV/vídeo são significativos quando envolvem, promovem a reflexão e o engajamento dos alunos nas atividades. Entendendo que a ludicidade insere o sujeito num mundo da troca e da interação, Calado (2012) destaca a utilização da música nas aulas de geografia como possibilidade de compreensão de diversos temas de maneira divertida e contagiante.

A utilização da música é uma ferramenta importante também, pois, esse recurso ajuda o professor a dinamizar seu trabalho, fazendo das aulas um momento prazeroso para ele e os educandos. Assim podemos trabalhar letras de música que abordem questões como a regionalização do espaço e suas riquezas regionais entre outros, de acordo com o nível de aprendizagem das séries relativas ao ensino fundamental (CALADO, 2012, p. 19).

Para a autora, a ciência geográfica possui uma pluralidade de assuntos que são destaques em varias composições atemporais, como belezas naturais, meio ambiente, guerras, desigualdades sociais, violência, conflitos, etc. Nos dias atuais, algumas músicas que passam despercebidas, também, podem ser analisadas e entendidas conforme o contexto cultural que a envolve.

Por ser uma disciplina que trata sobre situações atuais resultantes de acontecimentos passados ou presentes, a geografia traz para a sala de aula músicas de variados ritmos e

¹ Textos impressos, fotografias, mapas, globos, imagens virtuais, músicas, etc. A seleção destes materiais se dá através de buscas eletrônicas, pesquisas em livros e revistas, registro de fatos e coisas, além de procura na biblioteca escolar.

abordagens, as quais são relevantes para o meio social e para o despertar do aluno para novas formas de aprender.

Ao tratar sobre a utilização de fotografias como documentos essenciais para a compreensão de um conteúdo ou conceito, Castellar e Vilhena (2010) esclarecem que:

O uso da imagem deve ser o ponto de partida para a análise de um fenômeno que se quer estudar em geografia, ou seja, que esteja associado ao conteúdo. Dessa maneira, o aluno será estimulado a fazer observações, a levantar hipóteses em face do tema abordado. Dessa forma, pode-se estabelecer critérios no momento da escolha das imagens. A escolha das imagens é fundamental e deve ser coerente com os objetivos propostos pelo professor. Assim, por exemplo, ao se escolher uma fotografia ou uma imagem para trabalhar a paisagem em sala de aula, é preferível que ela esteja na visão oblíqua (de cima para o lado) e nítida. Será mais fácil para observar os detalhes da paisagem (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 81).

A utilização de imagens e fotografias vai além da ilustração, uma vez que possuem finalidade didática e servem como documentos de uma época e espaço. Além de representarem ferramentas de fácil utilização, podem ser tiradas pelos próprios professores ou trazidas pelos alunos, uma vez que representam o olhar de quem as fotografou e captam minuciosidades de territórios e espaços geográficos.

Desse modo, as dinâmicas espaciais são registradas e permanecem como fonte de pesquisa em tempos futuros, pois “A Geografia, auxiliada pela arte de fotografar pode nos indicar de que maneira podemos olhar a paisagem e levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula” (TRAVASSOS, 2001, p. 01). Essa observação se constitui no viés para a percepção de novas possibilidades e interpretações.

A imagem pode ser utilizada como complementação do texto que preenche as páginas dos livros constatando o que as falas ou a escrita. Para Pontuschka et al (2009, p. 279) “[...] É estranho que as escolas não promovam uma alfabetização relacionada a imagens e sons, assim como existe a alfabetização cartográfica, como forma de entendimento do mundo.” É preciso olhar o mundo através das imagens e identificar os detalhes que ultrapassam uma mera ilustração.

A dramatização e o teatro trazem contribuições significativas para o ensino de geografia ao possibilitar a abordagem de realidades distintas que levam os discentes a vivenciarem experiências únicas e prazerosas. Quando dão vida aos personagens que viveram em épocas distintas, lugares distantes e situações múltiplas, o aluno precisa conhecer, pesquisar e estruturar as informações colhidas para interpretá-las.

Por esse viés, Torres (2007) discorre sobre a dramatização como ferramenta didática para o ensino ao enfatizar que:

A dramatização consiste em uma montagem teatral simples, o que facilita sua aplicação em sala de aula. Seu uso como ferramenta didática para o ensino apresenta-se como uma estratégia alternativa que auxilia as práticas escolares. Dramatizar o ensino de História e Geografia facilita o aprofundamento dos temas discutidos em sala, criando possibilidades para os professores adaptarem os conteúdos científicos à realidade e à linguagem do cotidiano dos alunos, estabelecendo maior dinamicidade ao processo de ensino e de aprendizagem (TORRES, 2007, p. 40).

Ao trabalhar a dramatização, professor e aluno podem retratar contextos de livros literários, destacando características espaciais da época em que se passa a história, os costumes populares, hábitos e influências atemporais. Pode, também, abordar a cultura dos povos das diferentes regiões brasileiras, culinária e danças. Além de possibilitar uma vivência momentânea de realidades distantes, a dramatização estimula a psicomotricidade e a cognição dos discentes contribuindo para seu desenvolvimento integral.

As histórias em quadrinhos consideradas em âmbito geral ao incluir a charge e o cartum são essenciais na aula de geografia desde os anos iniciais de escolarização. Pressupõe-se que esse procedimento traz leveza insere o aluno em situações que ele está acostumado vivenciar no dia a dia. Nessa abordagem,

O cartum, a charge e os quadrinhos retratam muitas situações, que podem ser analisadas em várias escalas (local, regional, nacional ou mundial). Notamos que a maioria dos alunos gosta desse tipo de recurso didático, quando usado de forma complementar aos conteúdos estudados. Motiva a discussão e reflexão, tornando a aula mais receptiva e agradável (SILVA, 2007, p. 42).

Considerando que os adolescentes possuem uma bagagem no que concerne a preferência por histórias em quadrinho, observa-se que há entusiasmo e disposição para discutir o contexto retratado pelas histórias em sala de aula. Porém, é necessário que o material esteja integrado a proposta do exercício pedagógico para que esse tipo de linguagem seja útil a aprendizagem.

O professor pode em consonância com a turma produzir histórias voltadas para a vivência escolar comunitária ou local. Os alunos podem usar a imaginação para pensar o futuro que almeja para seu país retratando através de uma proposta didática os efeitos de seu trabalho, considerando a mensagem que se deseja passar intencionalmente.

Sabendo que um aluno aprende um conceito quando consegue aplicá-lo em situações concretas, os recursos tecnológicos surgem como possibilidades de atualização da prática docente facilitando o exercício do professor e a aprendizagem do aluno. Nesse contexto, Pontuschka (2009) observa que:

Diante do avanço tecnológico e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas redes de computadores, é fundamental saber processar e analisar

esses dados. A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de aprender (PONTUSCHKA, 2009, P. 261-262).

É sabido que nos dias atuais quase todas as escolas dispõem de algum tipo de recurso tecnológico, seja uma TV, DVD, Data show, máquinas fotográficas, Pen drives, computadores, dentre outros que inserem as escolas no mundo digital. Na era da globalização, todo professor sabe da importância que a internet tem para o desenvolvimento de pesquisas e tratamento de dados condizentes com os conteúdos abordados.

A possibilidade de acesso às informações tem facilitado o contato entre o aluno e os acontecimentos em tempo real, o que privilegia a geografia por favorecer as diferentes análises referentes à sociedade e a natureza. Na perspectiva de Pontuschka (2009, p. 265) “A informática, como uma das mais recentes linguagens, já faz parte do cotidiano da sociedade, e faz-se necessário que cada vez mais pessoas tenham acesso a essa tecnologia da comunicação e informação e saibam lidar com ela.” Ao apropriar-se das tecnologias existentes e das informações digitais, a agilidade na aquisição e produção de novos conhecimentos apresenta-se como oportunidade para aproximar o aluno de novos saberes.

3.2 Adoção de metodologias distintas para um ensino geográfico inovador

A utilização de diferentes metodologias, ou seja, de caminhos que ajudem os estudantes a desenvolverem-se e adquirir experiências e conhecimentos diversos acerca do mundo e do espaço em que vivem é de fundamental importância na prática de ensino da disciplina de Geografia. No entendimento de Da Silva Mendes e Scabello (2016, p. 34), esse caminho ou via para atingir determinado objetivo no âmbito educacional “[...] se ocupa da organização, controle e aplicação de diferentes métodos no processo ensino-aprendizagem, que levem os discentes a uma maior qualidade e motivação da aprendizagem. Sendo assim, cada área do conhecimento tem a sua metodologia específica”. Para extrair o que há de melhor em cada aluno, o professor precisa enfrentar o desafio de manter um diálogo permanente com o passado, o presente e o futuro buscando conhecer melhor a ciência geográfica a fim de elaborar e desenvolver projetos (inter) disciplinares na escola, abrangendo os sujeitos da aprendizagem e o próprio lugar habitado por eles.

Para as autoras, precisa ainda ter clareza dos aspectos teórico-metodológicos da ciência geográfica, pois essa compreensão lhe situará na realidade da disciplina e dará condições de definir os objetivos que orientem suas práticas. Nesse contexto, o educador estará apto a selecionar os conteúdos a serem ensinados em qualquer ano do Ensino Fundamental, já que encontra-se preparado para trabalhar no espaço da sala de aula ou fora dela.

Por isso, o que ensinar e como ensinar são objetos de discussão nas aulas de Geografia norteando o exercício do docente e demais indivíduos que compõem a sala de aula. Nessa perspectiva, Passini (2011) ao tratar sobre o objetivo da prática de ensino de Geografia considera que um professor pesquisador e que interaja com os sujeitos da aprendizagem é fundamental nos dias atuais, pois:

Sentimos necessidade de inventar um novo professor que conviva com as novas tecnologias e consiga fazer a transposição didática da Geografia acadêmica para a aprendizagem dos alunos do ensino básico. É preciso que esse novo professor crie circunstâncias desafiadoras para que os alunos trabalhem com operações e avancem do conhecimento empírico para o conhecimento sistematizado (PASSINI, 2011, p. 38).

Um aluno incentivado pelos professores a enxergar na pesquisa o caminho para encontrar as respostas para suas indagações tornam-se buscadores de soluções. As circunstâncias desafiadoras que permitem ao aluno passar do conhecimento empírico para o sistematizado são percebidas no âmbito da aprendizagem como transposição didática. Uma proposta para o professor está no hábito de ler para entender, o que requer disponibilidade e interesse dos sujeitos da aprendizagem. Nesse cenário, onde alunos leitores tornam-se adeptos de boas ideias, a figura do professor aparece como mediadora dessa prática e parte constituinte de um processo que une teoria e prática.

No âmbito da Geografia, fazer a leitura de mundo é essencial para entender as partes que o constitui. Por isso, alunos e professores são leitores por excelência objetivando a compreensão do ambiente local e em escala maior. A leitura possibilita a criatividade e a crítica, além da assimilação do conteúdo abordado em sala de aula e demais esferas da vida. Assim, o professor na ideia de Passini (2011) é o maior incentivador dos seus alunos para o progresso e aprendizagem encaminhando-os para a reflexão e pesquisa permanente. Desse modo, as aulas baseadas na transmissão do saber e na memorização perdem espaço para aquelas interativas que envolvem o alunado no projeto de construção de habilidades e experiências diversas.

Ao mencionar a necessidade de adotar novas metodologias condizentes com a

vivência do aluno, Da Silva Mendes e Scabello (2016, p. 41) destacam a necessidade de superar o ensino tradicional, já que “O caráter conservador refere-se às metodologias de ensino que não observam o processo de crescimento individual efetivo dos alunos, utilizando-se de parâmetros da aprendizagem como a memória e os conteúdos fixados; aliás, trata da teoria distanciada da prática.” A clareza sobre as reais causas da apatia ou desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia podem auxiliar o educador na busca por metodologias inovadoras e atraentes. Ao utilizar recursos didáticos como imagem, TV, computador, música, histórias em quadrinhos, etc, que, muitas vezes, não foram criadas para essa finalidade, mas que se encaixam perfeitamente no fazer pedagógico em sala de aula, o professor precisa dá sentido à utilização desses recursos de modo que tragam efeitos significativos para o ensino. Cavalcanti (2009, p.48) aponta que:

Nessa concepção, as reflexões e as decisões tomadas a respeito de conteúdos de ensino não podem estar separadas da opção metodológica adotada e de suas implicações do ponto de vista dos resultados do trabalho docente que são esperados com o desenvolvimento daqueles conteúdos. [...] um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros.

É notório que um educador com perspectivas modernas e dinâmicas pode fazer de uma simples aula cotidiana um momento de debate, troca e ludicidade, já que a variedade de recursos existentes nos dias atuais dá oportunidade para o professor empregar metodologias mais criativas que superem o “clássico” uso do quadro e promova o diálogo e o debate em sala de aula. É preciso está atento as transformações momentâneas do mundo contemporâneo e inseri-las no planejamento da aula, a fim de promover a crítica e a reflexão.

3.3 Professor e aluno na construção de metodologias para a aula de Geografia

O ensino de Geografia tem em sua égide a possibilidade de levar o aluno a questionar e exercitar a dúvida no que concerne a realidade que o rodeia e o mundo em que vive. Essa questão permite uma observação pautada na compreensão de Freire (2011) ao destacar que:

O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada, conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade). Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e

com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. (FREIRE, 2011, p. 38).

É nessa direção que o ensino e a aprendizagem de Geografia aponta para a descoberta do novo levando os sujeitos em escolarização a olhar de forma diferenciada o mundo que lhe é revelado, por meio de vivências cotidianas que promovam o seu entendimento do espaço geográfico enquanto sujeito ativo e não apenas receptor do conhecimento.

Ao pensar a metodologia para a aula, ou seja, aquela que se adapte ao contexto da escola, do aluno e da comunidade a qual a escola pertence, torna-se essencial conhecer as necessidades e expectativas do público alvo. Por esse viés, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre o ensino de Geografia enfatiza a importância de levar o aluno a observar seus espaços de vida e desenvolver uma formação cidadã eficaz, uma vez que é preciso se atentar para,

sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e porque suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm suas consequências – tanto para si como para a sociedade. [...] que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual estão inseridos, tanto em nível local como mundial, e perceber a importância de uma atitude de solidariedade e de comprometimento com o destino das futuras gerações. (BRASIL, 2001, p. 113).

Os alunos devem ser instigados a questionar sobre os acontecimentos à sua volta e como suas ações cotidianas podem influenciar no espaço e na sociedade. O espaço geográfico é construído pelo homem e para o homem, assim assuntos relacionados à política, a economia, aos conflitos mundiais, as diferenças climáticas, etc, devem permear as aulas de Geografia buscando manter ativa a cidadania e o compromisso dos discentes para com o mundo e seu contexto.

O papel desempenhado pelo educador diante dos alunos permite um olhar reflexivo destes sobre ele. Por isso, sua postura deve colocá-lo como mediador do conhecimento e facilitador da aprendizagem, já que sua tarefa tem um papel social e político no âmbito do ensino. Nessa perspectiva, uma postura dialógica e comprometida com os anseios e perspectivas dos alunos podem trazer avanços e melhorias para a prática pedagógica.

O professor precisa adotar estratégias metodológicas condizentes com as possibilidades de aprendizagem da turma observando suas prioridades. Qualquer conteúdo pode se tornar atrativo quando trabalhado em conformidade com a turma, ou seja,

aproveitando a melhor forma de atrair os alunos. Ao discorrer sobre a adoção de metodologias adequadas, Coutinho (2014) sinaliza que:

É preciso adotar metodologias adequadas, utilizando encaminhamentos que propiciem uma aprendizagem significativa do aluno, visto que com o mesmo conteúdo pode ter várias abordagens, pois existe um universo rico em recursos metodológicos a serem adotados pelos professores (COUTINHO, 2014, p. 3).

Construir metodologias com os alunos, também, pode ser significativo, pois os discentes sentirão prazer em dizer como preferem estudar determinado conteúdo ou como gostariam que fosse a troca entre professores e alunos no momento de produção do saber. Desse modo, os professores podem optar por recursos metodológicos baseado em tecnologias modernas ou levar a turma para fora da escola, onde o contato com o meio une teoria e prática numa dimensão enriquecedora.

Partindo do pressuposto de que o professor é o principal responsável pelo ensino de Geografia dentro da sala de aula, obtém-se que cada profissional deve seguir metodologias específicas e próprias de sua vivência. Cada aluno é único em sua forma de ser, se expressar e aprender, por isso não existe receitas prontas a serem seguidas de maneira igualitária por todos os educadores de uma disciplina.

O professor deve apresentar como características de sua metodologia: disponibilidade para ouvir, capacidade para decodificar o diálogo dos alunos transformando-o em novas experiências e auto direcionamento de sua prática de modo a gerar aprendizagem. Um professor motivado, consegue instigar a turma a superar desafios e despertar uma holística diferenciada para cada conteúdo apresentado em sala, fazendo da disciplina de Geografia uma oportunidade para trabalhar a interdisciplinaridade.

O ensino de Geografia traz em seu cerne um entendimento do espaço geográfico e dos aspectos da natureza, o que evidencia seu foco de investigação e pesquisa colocando o sujeito como ser em construção que se supera a cada dia e ultrapassa dificuldades no ensino da Geografia enquanto ciência em movimento.

No fazer cotidiano das atividades em sala de aula, professores e alunos estabelecem uma relação de confiança e aprendizagem, o que permite um encaminhamento para novas descobertas e formas de assimilar e produzir conhecimento. No âmbito da Geografia, o professor através da observação pode compreender as dificuldades, o desinteresse dos discentes pela disciplina e adotar o ensino com imagens, filmes, música, aula de campo e observação do próprio espaço para atraí-los e despertá-los para a amplitude do mundo que o rodeia.

4 UMA ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTA MARIA GORETE

A pesquisa bibliográfica, da qual resultou a produção textual encontrou respaldo em diversos autores que tratam da temática de forma aprofundada e teve a observação como instrumento de pesquisa, mediante a qual se pôde detectar como os recursos didáticos e tecnológicos são utilizados pelos profissionais da educação no âmbito da Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Maria Gorete, São José de Piranhas-PB.

Nesse contexto, considera-se a Geografia uma ciência social que estuda a relação entre o homem e o meio, portanto, precisa de um mediador para que o conhecimento dessa interação seja difundido. Ao lidar diretamente com o aluno, o professor promove um elo entre este e o objeto de estudo da Geografia, que é o espaço geográfico.

Nesse cenário, é preciso adotar estratégias de intervenção mediante a utilização de recursos didáticos e tecnológicos para aproximar-se da realidade dessa disciplina. Mediante orientações específicas que direcionam a prática pedagógica, cabe aos professores apropriarem-se de recursos inovadores para subsidiar suas aulas e permitir que a criticidade e a interação assumam o lugar das aulas tradicionais.

Durante a análise bibliográfica, tornou-se possível explorar diversas teorias que tratam sobre a temática e identificar como os autores apontam vieses para um ensino geográfico inovador. Ao revisar materiais diversos sobre a temática, tornou-se nítido que, apesar de existirem um bom acervo bibliográfico que trate sobre a importância do uso dos recursos tecnológicos no Ensino de Geografia, é importante discutir e produzir novas teorias que embasem novas pesquisas e estudos.

Ao tratar sobre a escola enquanto lugar de aprendizagem e espaço para mediação do saber compreende-se que no espaço educativo, alunos e professores constroem uma relação de confiança e parceria que os permitem vivenciar momentos únicos de socialização e produção do saber.

Os profissionais da escola em questão utilizam o livro didático como principal recurso de apoio para suas aulas e fazem uso de seus conteúdos para a execução de atividades, provas e exercícios cotidianos. Observou-se que os professores de Geografia, também, utilizam outros meios que favoreçam a aquisição e produção do saber como linguagens diversas que englobam música, histórias em quadrinho, danças, textos impressos, etc. Desse

modo, mesmo com prevalência do uso do livro como principal recurso, buscam enriquecer suas aulas com outras estratégias.

4.1 Caracterização da Escola Santa Maria Gorete

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Maria Gorete foi fundada no dia 10 (dez) de março de 1962. A construção começou com a chegada do padre Jose Gálea a São Jose de Piranhas, o qual tinha como meta compartilhar seus conhecimentos, direcionando-os às famílias carentes. Para esta realização o mesmo contou com as doações vindas da Itália, da Paroquia São Jose e da comunidade Piranhense.

Figura 2- Escola Santa Maria Gorete



As doações vindas da comunidade chegavam de todas as formas: areia, barro, tijolos, ferro. A mão de obra voluntaria de pais de futuros alunos fez com que o prédio fosse construído, no qual recebeu o nome Escola Santa Maria Gorete. No início, a instituição foi mantida pela paroquia local.

Tendo como características ser de fins não lucrativos, mas sim educativo, cultural, beneficente e de assistência social, e seu principal objetivo era atender as crianças pobres e desamparadas do local e dos arredores. O Padre José Gálea assumiu a direção da escola por algum tempo, e outros padres contribuíram para a sua administração dando continuidade aos trabalhos do fundador.

A escola Santa Maria Gorete localiza-se na Rua Inácio Lira n° 543, centro, são José de Piranhas- PB, funciona normalmente atendendo no total 572 alunos do Ensino Fundamental (6° ao 9° ano) distribuídos em três turnos (manhã, tarde e noite) durante o ano de 2016, a mesma apresenta um quadro de professores com formação pedagógica a nível superior.

A escola em sua estrutura física apresenta: 07 salas de aula, 1 sala de professores, 1 secretaria, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática, 1 almoxarifado, 1 pátio, 1 cantina, 1 quadra de esportes, 3 banheiros, sendo dois destinados aos alunos e uma aos professores e funcionários, bebedouros. Os espaços físicos não se encontram em condições de funcionamento, são espaços bem organizados, porem não está bem conservado.

As salas de aula são constituídas de cadeiras com boas condições de uso e suficientes para os alunos, birôs em todas as salas, porém as janelas e portas necessitam de trocas, pois as mesmas encontram-se em condições ruins de funcionamento.

A escola se insere na comunidade como um espaço formador de diversas potencialidades, caráter e de convívio sociocultural. Com isso a Instituição escolar é uma entidade social que reúne pessoas que interagem entre si. Para isso é necessário à escola elaborar projetos e desenvolver metas para o desenvolvimento dos trabalhos educativos.

O projeto Político Pedagógico tem como objetivo organizar metas para facilitar o trabalho na comunidade escolar, e através desta pode realizar de uma forma organizada durante todo o ano letivo os trabalhos da instituição escolar.

A construção do PPP nasceu na necessidade de retratar a identidade pedagógica a partir da observação e dos conhecimentos que a sociedade tem em relação ao homem e o mundo.

Dessa forma, pode-se afirmar que esse projeto resultou de uma gestão democrática em todos os seus aspectos, o que para Bordignon e Gracindo (2004) é fundamental no mundo contemporâneo, já que:

[...] requer mais do que simples mudanças nas estruturas educacionais, requer mudança de paradigmas que fundamentem a construção de uma proposta educacional e o desenvolvimento de uma gestão diferente da que hoje é vivenciada. Ela precisa estar para além dos padrões vigentes, comumente desenvolvidos pelas organizações burocráticas. Essa nova forma de administrar a educação constitui-se num fazer coletivo, permanentemente em processo, processo que é mudança continua e continuada, mudança que está baseada nos paradigmas emergentes da nova sociedade do conhecimento, os quais, por sua vez, fundamentam a concepção de qualidade na educação e definem também a finalidade da escola.

Os principais objetivos apresentados no PPP da Escola Santa Maria Gorete são: posicionar-se de maneira crítica, construtiva e responsável nas diferentes situações sociais;

proporcionar aos docentes cursos de capacitação que permitam conhecer métodos inovadores de ensino, realizar eventos culturais, possibilitando assim aos alunos a socialização com a comunidade em geral.

A escola apresenta um quadro de funcionários que são responsáveis pela gestão da escola, como secretaria que tem como função auxiliar a direção e dá suporte aos serviços burocráticos no âmbito geral, no qual apresenta dois funcionários, o próprio secretário e um auxiliar de secretaria, logo os mesmos auxiliam nas decisões para melhorar o funcionamento da instituição, no qual apresenta um papel significativo no acompanhamento de processo de ensino e aprendizagem.

Outro componente importante na instituição é o diretor que tem como função cuidar da gestão pessoal, atender os alunos e pais e gerenciar os recursos destinados a instituição, logo esses recursos financeiros que a Escola Santa Maria Gorete recebem são verbas do Governo Estadual e Federal. Tal verba é administrada pelo conselho escolar, e usado para a compra de materiais de limpeza, merenda e recursos didáticos, ou seja, e utilizados para todas as necessidades da instituição.

Já a equipe pedagógica atua no processo de elaboração e análise de projetos, colocando-os em prática, a qual é composta por três funcionários tendo como função auxiliar os professores na elaboração e diversificação de suas aulas, logo a função do supervisor, coordenador pedagógico é auxiliar de forma ativa nas decisões tomadas em relação ao processo de ensino.

A principal dificuldade apresentada por todo o grupo é a pequena quantidade de funcionários, pois por apresentar uma grande quantidade de aluno, a escola requer uma demanda de trabalho maior, logo, todo o grupo se relaciona bem e luta pelos mesmos objetivos que é sempre a melhoria da instituição para um bom desenvolvimento das atividades.

Com isso a Escola Santa Maria Gorete busca a aproximação dos pais e de toda a comunidade através de atividades extraclasse no qual convidam os mesmos a participarem dos seus eventos e ainda para o acompanhamento do educando, pois a proposta da instituição é formar uma sociedade justa e consciente que respeite os direitos e deveres do próximo buscando assim um melhor desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Alguns recursos como computadores, TV, Data Show, aparelho de som e DVD fazem parte da instituição de ensino, ficando a cargo do professor a melhor utilização destes materiais. Observou-se que os profissionais da área de Geografia utilizam de forma regular a sala de computador e sala de vídeo para que os alunos acessem a internet para pesquisa e

assistam a filmes com fins didáticos. Portanto, há uma carência no acompanhamento pedagógico de um profissional especializado que facilite o processo de busca e compreensão das finalidades da internet.

Desse modo, vale salientar a importância do uso das tecnologias como estratégia de ensino para os professores, tanto em âmbito local quanto nacional. Essa percepção favorece uma nova holística do profissional da Geografia sobre a inserção da diversidade de materiais existentes em suas aulas, os quais quando bem utilizados contribuem significativamente para o processo de ensino e à amplificação dos vieses para a compreensão de mundo.

4.2 O uso das tecnologias como estratégia de ensino para os professores

O professor de geografia, português, matemática ou outra disciplina qualquer sempre foi e continuará sendo o facilitador entre os alunos aprendizes e a aprendizagem em si, sendo ele aquele que auxilia o aluno em suas descobertas e, portanto, precisa dominar o conteúdo que ensina na escola. Há anos atrás isto se resumia a dominar técnicas de ensino, o que não significa apenas que o docente tem graduação em determinada área, mas sim que ele se capacita para desempenhar sua função cada vez melhor e com mais qualidade.

Em um mundo moderno como o atual é significativo que o docente esteja a par das mudanças, conheça e domine as técnicas e se acentue demonstrando capacidade para lidar com aquilo que para o aluno é habitualmente comum, pois se acontecer o contrário o mesmo passará a enxergar o professor como incapaz ora, aquele que media o conhecimento não dominar algo tão banal, então ele não é tudo aquilo que ele pensava. Não é necessário que o docente saiba e domine tudo, longe disso, mas ele precisa conhecer as tecnologias e acompanhar os avanços, não persistindo na didática de ensino atrelada a fala do professor e o livro didático (SOUZA; QUEIROZ, 2012).

A escola precisa reconhecer a importância das tecnologias digitais no seu currículo escolar, incorporando as mesmas como técnicas para que os alunos possam aprender ler e escrever, ao mesmo tempo em que conhece e pratica o uso dos novos instrumentos tecnológicos (VALENTE, 2008). Muitas opções do uso das tecnologias existem, porém o professor precisa optar por uma em cada contexto educacional, ou até mais, de acordo com a característica do público alvo e de sua intenção.

Vale salientar, pois, que o docente não pode usar de meios tecnológicos apenas para cumprir deveres da escola ou para mostrar-se atualizado. É preciso, sobretudo, que o mesmo domine os métodos e os adapte a sua disciplina, ao conteúdo e a turma, tendo consciência do que está usando e do objetivo desejado com o recurso utilizado em sala de aula, para que o uso deste não seja mecanicamente improvisado ou utilizado para consumir tempo enquanto uma aula não preparada.

Na perspectiva de Carvalho (2017, p. 290), é preciso haver a “[...] ampliação do espaço físico para o espaço virtual de aprendizagem, isto é, a utilização de ambientes híbridos de aprendizagem.” Enfim, a tecnologia só servirá de embasamento teórico para a educação quando o professor souber sua relevância e utilizá-la conforme as necessidades de produção de conhecimento, considerando os paradigmas curriculares nacionais que priorizam a educação e a aprendizagem ante qualquer outro pensamento dentro da instituição.

Não é valioso que um professor não saiba ou tenha dificuldades para manusear aparelhos tecnológicos normalmente durante uma aula, apresentação ou situações comuns corriqueiras, como o uso de planilhas, retroprojeção de imagens, impressão, slides, e-mails, e demais atividades com uso de softwares de computadores. Contudo, é fundamental que o mesmo conheça as funções de diversas tecnologias e programas, as vantagens e desvantagens de cada uma, suas aplicabilidades e calcule os possíveis resultados ao adotar uma estratégia como método de ensino-aprendizagem.

De acordo com Souza e Queiroz (2012), os novos meios tecnológicos aplicados à educação são importantes porque favorecem o fazer pedagógico, pois:

O uso das tecnologias de informação e comunicação, audiovisual e sonora, viabiliza o processo educacional inserindo ferramentas de forma que somam aos estudos e proporciona liberdade responsável no seu uso. As mídias surgem com o papel de informação e comunicação. A apropriação das tecnologias de informação e comunicação, no espaço escolar faz resignificar o conceito de conhecimento (SOUZA QUEIROZ, 2012, p. 66).

Na verdade, as tecnologias estão presentes na educação há muitos anos, desde os primórdios da educação tradicional onde os professores buscavam informar os alunos sobre os acontecimentos do mundo, fazendo, pois uma educação informativa. Tendo em vista que as transformações do mundo contemporâneo têm exigido alunos hábeis e dotados de capacidades múltiplas para as tarefas cotidianas, a escola e o ensino de geografia têm focado seus objetivos na perspectiva de formar cidadãos críticos e conhecedores da realidade, mas nem sempre isto foi perceptível, apenas com o uso de tecnologias como a informática, internet e

aparelhos diversificados ganhou repercussão na vida social o uso das técnicas de informação e uso de tecnologia (CHAVES, 2004).

Desde as primeiras técnicas de ensino aplicadas pelos docentes em salas de aulas simples e em escolas informais, com utilização da fala e remetendo às situações atuais da época já se usava a tecnologia como recurso de ensino-aprendizagem. O uso de pesquisas em revistas e jornais, exposição de filmes e as mais simples aulas explicativas com exemplos são demonstrações de tecnologias em sala de aula. O que mudou foi a forma como a sociedade evoluiu e a tecnologia se modernizou e implementou-se na vida das pessoas, sendo hoje uma necessidade comunicativa e relacional na sociedade. Eis que a internet, os programas e demais inovações devem sobressair apenas o âmbito pessoal, e nas escolas serem utilizados como método facilitador de ensino, engajando a escola na realidade dos alunos e vice-versa (CHAVES, 2004).

Figura uma proposta interessante, a de que a escola priorizasse debates e reuniões voltadas para o conhecimento, formas de uso e condescendência de cada tecnologia nova que surge e pode subsidiar o ensino, detalhando as possíveis habilidades advindas das mesmas, para que o uso daquelas não seja meramente técnico e ineficiente.

O intuito da disciplina de Geografia ao utilizar recursos inovadores que vão além do livro didático é promover educação, conhecimento e inserção dos sujeitos no mundo globalizado, o qual exige a formação de indivíduos entendedores da dinâmica nacional e mundial que existe atualmente. Cabe a Geografia mostrar e discutir com os alunos as mudanças políticas, econômicas, climáticas e culturais que ora se apresentam no mundo e para isto, alguns recursos didáticos e tecnológicos são excelentes subsídios.

Por esse viés, Souza e Queiroz (2012) salientam que os textos midiáticos e programas televisivos podem ter uma importância considerável no ensino de Geografia:

Ensinar Geografia a partir de um texto mediático nos obriga a pensar o objeto e os métodos presentes no ensino dessa disciplina. É necessário pensar o texto mediático e ter o conhecimento geográfico como referencial na decodificação do material produzido pelos grandes meios de comunicação. A mídia possui uma linguagem própria e, portanto, é necessária formação para conviver com ela (SOUZA; QUEIROZ, 2012, P. 66).

Para que ocorra uma prática efetiva do uso de recursos midiáticos, é preciso haver interesse do docente, o qual precisa receber subsídios da coordenação pedagógica e formação continuada para desenvolver práticas reflexivas e passíveis de alterações, adequando, pois, a sala de aula ao contexto dos alunos, como prevê a escola construtivista.

De acordo com Bergmann (2007), para se compreender a dinâmica da Geografia nos dias atuais, torna-se válido discernir que a história do meio subdivide-se em três etapas, a saber: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional, os quais envolvem um percurso que vai do meio natural intocável, perpassa pela invenção das máquinas e se efetiva após a segunda guerra mundial e nas transformações momentâneas que permitem as conexões globais. Por esse viés, observa-se que:

No contexto da sociedade globalizada e tecnológica, novos desafios são colocados para a sociedade e, conseqüentemente, para a educação. Novos cenários, tempos e espaços diferenciados implicam na mudança do paradigma educacional. A globalização rompeu com uma ordem geopolítica e comercial baseada nos conceitos de Estado e Nação. A sociedade industrial aboliu as fronteiras territoriais, integrou os mercados e ampliou o potencial das comunicações e a velocidade no circuito das informações. Na sociedade atual as relações sociais não mais se prendem ao contexto local, mas ampliaram-se as possibilidades de conexões globais (BERGMANN, 2007, p 1).

Enquanto para alguns alunos a tecnologia é algo extremamente comum e impossível viver sem, para outros estes recursos são uma utopia, pois as diferenças de classe econômica não permitem o conhecimento de objetos cujos preços são mais elevados como computador e Data show. Deve-se considerar, também, que os próprios pais não têm conhecimento sobre esses recursos, o que dificulta o contato dos filhos com estes objetos fora da escola. Ou seja, a escola que é um ambiente de inclusão e agrupamento das diversidades culturais e intelectuais, se diverge e se separa no momento em que os seus alunos desconhecem a realidade do outro e contradiz a fidedigna atualidade mundial, ferindo o conceito de democracia e humanidade.

A conquista da cidadania digital é o ponto de partida para a escola moderna que atua democraticamente e luta por políticas públicas inclusivas, garantindo os direitos de igualdade aos seus alunos, como futuros cidadãos justos. Para Demo apud Jambeiro et al (2005, p.31) o termo cidadania define uma amplitude muito além do contato direto entre os cidadãos e suas relações físicas em livre transição pelo mundo, expandindo o conceito da mesma para o direito ao acesso comunicativo permitido pelos diferentes meios de cada época e “cabe ao Estado prover o acesso à informação, e não apenas mediar às relações entre os homens, privilegiando a estrutura de poder, pois a informação é mais que a mercadoria por excelência da sociedade pós-industrial: é a sua própria razão de ser” (DEMO apud JAMBEIRO et al, 2005).

Para aqueles que não podem ter acesso à internet ou outros meios tecnológicos em casa, a escola é o lugar ideal para permitir este acesso, lhes tirando o conceito de excluídos da sociedade. Para tanto é preciso uma conjunção entre escola, estado, municípios, gestores,

família e sociedade no intuito de concretizar uma instituição escolar inclusiva e democrática, que priorize a cidadania.

Alguns professores repreendem o uso de tecnologias em suas metodologias não por falta de vontade, mas por não conhecê-las ou não dominá-las, optando pela tradicional função do professor repetitivo, controlador, sequenciador. Muitas vezes, o mesmo sequer elabora um novo plano para cada ano letivo, seguindo à risca o conteúdo do ano anterior, repetindo atividades e adequando aulas a cada turma, com o mesmo método ultrapassado, mas que lhe é confortável. Outros, até tentam mudar, mas não sabem como fazê-lo e se sentem inseguros para experimentar a novidade, e acabam por não diversificar as formas de dar aula e avaliar, restringindo-se as técnicas comuns (MORAN, 2006).

Em suma, os professores precisam incorporar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) às suas metodologias diárias, porém o que muito ocorre é a inserção de meios tecnológicos à escola por meio das organizações que esperaram resultados positivos do processo educativo, exigindo mudanças sem oferecer condições para efetivação das mesmas. Em grande maioria das vezes, isto falha (MORAN, 2006).

Para que o docente possa lidar com as transformações e adaptar-se a elas modificando as para lhes servirem de subsidio metodológico, necessita que os mesmos recebam incentivos de organizações maiores, apoio político, financeiro, social e intelectual. A formação de professores, que já é uma prática comum nas unidades escolares deve ser aprimorada de acordo com a real situação em que se encontra a sociedade, atendendo as suas perspectivas e anseios.

Metodologias que envolvam recursos midiáticos e tecnológicos instigam os alunos e também o docente, que modifica a rotina e sente-se motivado para ensinar e aprender, compartilhando conhecimentos e repensando a sociedade coerentemente, interpretando as múltiplas linguagens e divergindo as funcionalidades do avanço tecnológico, podendo utilizá-los de forma a contribuir para aquisição de conhecimento e desenvolvimento intelectual e sociocultural. (VALENTE; ALMEIDA, 1997).

Kenski (2009, p.103) corrobora com as ideias do autor citado anteriormente ao afirmar que existem vários desafios enfrentados pelos profissionais da educação brasileira no que tange à inserção das novas tecnologias em seus planos de aula, e principalmente na concretização destes, já que se vive em uma sociedade amplamente tecnológica e esta realidade se confronta no espaço escolar, onde existem alunos de divergentes classes sociais e realidades diversas.

Na sala de aula, há alunos que lidam diariamente com os recursos da internet e outros

os quais desconhecem por falta de acesso e restrição econômica, e muitos professores, inseguros com tais situações, preferem não trabalhar com a tecnologia, tendo em vista que muitas vezes, também se intimidam frente a um público jovem dominador das técnicas midiáticas modernas, que muitos dos docentes sequer dominam ou conhecem (KENSKI, 2009).

Para que a escola vença o desafio e esteja pronta para lidar com as dificuldades encontradas no decorrer do caminho é importante o apoio para desenvolvimento de divergentes competências e a validade do uso das TICs no processo de ensino e aprendizagem, tendo pela convicção de que o futuro educacional e social das pessoas será vazio se os mesmos desconhecerem as mais simples atitudes daquele tempo. Para Vaz (2007, p. 63) “não saber usar a internet em um futuro próximo será como não saber abrir um livro ou acender um fogão, não sabermos algo que nos permita viver a cidadania na sua completude” e, portanto, é uma necessidade para os cidadãos de hoje e futuros habilitarem-se com aquilo que prever-se ser o habitual e clássico modelo social.

Trata-se de uma necessidade por parte dos órgãos educacionais brasileiros, o investimento e a valorização da capacitação profissional dos docentes periodicamente, visando o conhecimento e o desenvolvimento das competências comunicativas inerentes ao processo educacional da atualidade. Porém Serafim e Sousa (2011) afirmam que “O preparo dos docentes brasileiros para a utilização de mídias e objetos digitais como materiais didático-pedagógicos ainda é insipiente” e, portanto, a exigência de professores capacitados, embora seja uma exigência da sociedade frente ao tempo moderno em que se vive, ainda não é exigência da escola, apenas necessidade.

A escola dos dias atuais requer professores e alunos aptos a mudanças significativas, ou seja, sujeitos engajados na melhoria de uma educação de qualidade e inserida nos moldes sociais, tecnológicos e culturais da época. Educar por intermédio de recursos e metodologias inovadoras deve ser uma prática cada vez mais real no mundo contemporâneo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados da pesquisa, observou-se que o ensino de Geografia na segunda fase do Ensino Fundamental possibilita o encontro do aluno com uma diversidade de saberes e conhecimentos sistematizados, além disso, promove o encontro deste com a realidade prática. Nessa modalidade de ensino, a prática pedagógica do professor de Geografia deve favorecer a aproximação entre o aluno e o saber encaminhando-o para novas possibilidades de aprendizagem. Nesse cenário, a utilização dos instrumentos adequados com objetivos traçados conduz a aulas com mais qualidade, capaz de envolver os alunos durante a explicação de um conteúdo ou apresentação de uma nova temática.

Tornou-se nítido que a educação geográfica nas escolas brasileiras enfrentou vários desafios ao longo do tempo, mas somente com a definição dos objetivos do ensino de geografia estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1998, o trabalho dos educadores teve um melhor encaminhamento. Desse modo, as trajetórias do ensino da geografia nas escolas brasileiras abrangem transformações oriundas do tempo e do espaço e acompanha a evolução de um povo e sua história.

O estudo permitiu o aprofundamento do conhecimento sobre os diferentes recursos didáticos e tecnológicos disponíveis na escola e nos diversos meios de informação. Acrescenta-se aí a importância de ir além do livro didático e sua contribuição enquanto instrumento mais utilizado em sala de aula. Um professor inovador, precisa pesquisar, adotar metodologias diversas e enxergar nos diferentes vieses, oportunidades para produzir conhecimento.

Nessa perspectiva, os objetivos da pesquisa foram atingidos. Ficou conhecido os conteúdos do livro didático de Geografia do 9º ano do Ensino Fundamental. Observou-se que o livro didático apresenta-se como o recurso didático mais utilizado em sala de aula e que, portanto, é preciso repensar as práticas pedagógicas incluindo outras possibilidades na promoção do ensino-aprendizagem.

Ao analisar como os recursos didáticos e tecnológicos contribuem para um ensino dinamizador, obteve-se que a música, teatro, dança, textos impressos, filmes, imagens, dentre outros recursos podem favorecer uma aula dinâmica e atrativa, uma vez que permite ao aluno inserir-se na realidade trabalhada e aprender conceitos de forma lúdica e prazerosa.

Identificou-se que os professores de Geografia da Escola Santa Maria Gorete utilizam alguns recursos existentes na escola como alternativa para enriquecer a produção do saber. Porém, tornou-se evidente que a tecnologia, apesar, de ser algo extremamente comum e

impossível viver sem ela, alguns alunos não dispõem do conhecimento sobre alguns recursos multimídia como computador e data show, por exemplo, sendo a escola o único local para acesso a esses equipamentos.

Por esse viés, considera-se que este estudo fornece subsídio para um repensar do ensino de Geografia, onde a prática educativa possa favorecer uma valorização do verdadeiro objetivo dessa disciplina, que é formar alunos cidadãos ativos e participativos na sociedade e no lugar onde estão inseridos. E que o objetivo da Geografia na Escola básica e na Universidade é compreender a relação entre o homem e o espaço. Nesse cenário, o espaço geográfico, ou seja, produzido a partir da relação homem-meio deve ser analisado e estudado através de perspectivas inovadoras e flexíveis, onde a adoção de novas habilidades seja ampliada pela disponibilidade dos recursos e métodos existentes na atualidade.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. M de S; COSTELLA, R. Z. O ensino por competência: o motor das reformas educacionais. In: CASTROGIOVANNI, A. C; TONINI, I. M; KAERCHER, N. A; COSTELLA, R. Z. (Orgs). **Movimentos para ensinar geografia- oscilações**. Porto Alegre: Editora Letral, 2016, p. 105-115.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 8.460, de 26 de dezembro de 1945**. Consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/>. Acesso em: 19 Fev. 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 2004.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 2016.

BORDIGNON, G; GRACINDO, R.V. Gestão da educação: O município e a escola. In: FERREIRA, N.S. C; AGUIAR, M. A. da S. **Gestão da educação; impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BERGMANN, H. M.B. Ciberespaço e cibercultura: novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 43, n. 7, p. 1-6, 2007. Disponível em:<http://www.academia.edu/download/35695718/1612Bermann.pdf>>. Acesso em: 13 Fev. 2018.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?. **Terra Livre**, v. 1, n. 16, p. 133-152, 2015.

CALADO, F. M. O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 3, n. 5, p. 12-20, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5547975>>. Acesso em: 23 Jan. 2018.

CARVALHO, C. de. **As tecnologias móveis na escola e o trabalho docente: as contribuições de uma pesquisa intervenção na formação continuada de professores da educação básica**. 2017. Disponível em: <<https://alsafi.ead.unesp.br/handle/11449/150457>>. Acesso em: 17 Fev. 2018.

CASTELLAR, S; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASSAB, C. **Reflexões sobre o ensino de Geografia**. Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 43-50, 2009.

CAVALCANTI, L. F. **Os desafios do ensino de Geografia no Ensino Médio da Escola Estadual Adriano Feitosa**. 2014. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=2013&q=o+ensino+de+geografia+nas+escolas+brasileiras&btnG=>> Acesso em: 26 out. de 2017.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. 20. ed. Campinas: Papirus, 2014.

_____. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida cotidiana**. Campinas: Papirus, 2009.

CHAVES, M. I. A; Espírito Santo, A. O. Um modelo de modelagem matemática para o Ensino Médio. In: **Anais do VII Congresso Norte/Nordeste de Educação em Ciências e Matemática**, Belém, 8 a 11 de Dez. 2004.

COUTINHO, J. S. Alternativas metodológicas para o ensino da geografia nos anos finais do ensino fundamental. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, artigos 2014**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_geo_artigo_joseane_scheila_coutinho.pdf. Acesso em: 10 Nov, 2017.

DA SILVA MENDES, M. P. B; SCABELLO, A. L. M. As metodologias de ensino de geografia e os problemas de aprendizagem: a questão da apatia. **Form@ re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica/Universidade Federal do Piauí**, v. 3, n. 2, 2016.

DAMIANI, A. L. **A Geografia e a construção da cidadania**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.50-61.

D'ÁVILA, C. M. **Decifra-me ou te devorarei: o que pode o professor frente ao livro didático**. Salvador: EDUNEB, 2008.

DE SOUSA, Herivelton Andrade et al. O Ensino de Geografia sob um enfoque motivador. **Gaia Scientia**, v. 10, n. 4, 2016.

DOS SANTOS, R. de C. Evangelista; CHIAPETTI, R. J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 167-184, 2012.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FERREIRA, A de O; SOUZA, M. J. J de. **A redefinição do papel da escola e do professor na sociedade atual**. In: vértices, Campos dos Goitacazes/RJ, v.12, n.3, p.165-175, set/dez, 2010.

FREITAS, N. K; RODRIGUES, M. H. O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo. **Revista da Pesquisa**, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2008.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>>. Acesso em: 17/02/2018.

GATTI JUNIOR, D. **A escrita escolar da História: Livro didático e ensino no Brasil(1970-1990)**. Bauru, Edusc, 2004,250p.

JAMBEIRO, O; SILVA, H; LIMA, J; BRANDÃO, M. A. **Inclusão Digital e Educação para a Competência Informacional: uma questão de ética e cidadania**. Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 5.ed. Campinas, SP: Papirus, 2009. 141p.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p.11-66.

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RIBEIRO, M. W. Origens da disciplina de Geografia na Europa e seu desenvolvimento no Brasil. **Diálogo Educacional, Curitiba**, v. 11, n. 34, p. 817-834, 2011.

SERAFIM, M. L; SOUSA, R. P de. **Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar**. Paraíba, 2011.

SCHRAM, S. C; CARVALHO, M. A. B. **O pensar educação em Paulo Freire: para uma pedagogia de mudanças**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em 25 de Nov 2015.

SILVA, R. M da. **Textos didáticos: crítica e expectativa**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

SILVA, E. I da. Charge, Cartum e Quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de geografia. **Revista Polyphonia**, v. 18, n. 1, p. 41, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/2512>>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

LAJOLO, M (org.). Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, v. 16, n. 69, p. 3-9, 1996.

_____. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**, v. 16, n. 69, 2008.

_____. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=6709139514924822470&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 10 Jan. de 2018.

LIBÂNEO, **Didática: velhos e novos tempos**. Edição do Autor, maio de 2002.

NOGUEIRA, V; CARNEIRO, S. M. M. **Educação geográfica e formação da consciência espacial cidadã no ensino fundamental: sujeitos, saberes e práticas**. In: ENPEG-ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA E ENSINO DE GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. Anais... . Porto Alegre: Enpeg, 2009. p. 1.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2009. 383p.

PRADO, Clodoaldo José Bueno do. **O livro didático de geografia do 6. ao 9. ano do ensino fundamental: estudo da linguagem cartográfica sob o foco da formação da consciência espacial cidadã**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

TORRES, M. A. O uso da dramatização para o ensino de História e Geografia de 1ª. a 4ª. Série. **Na sala de aula**. 2007. Disponível em: http://www.educacional.net/revista/0307/pdf/Na_sala_de_aula.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2018.

TOREZANI, T. G. N; et al. Análise dos livros didáticos do 9º ano das escolas municipais de camaçariiba, sob a perspectiva da geografia e da sustentabilidade. **Debates em Educação**, v. 8, n. 15, 2016.

TORREZANI, N. C. **Vontade de aprender Geografia**. São Paulo: FTD, 2017.

TRAVASSOS, L. E. P. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. V. 1, nº 2, 2001. Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/fotografia.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SOUZA, C. R. F; QUEIROZ, A. M. D. A utilização dos meios de comunicação no ensino da geografia. **Revista Geoaraguaia**, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em:<<http://oca.ufmt.br/index.php/geoaraguaiaold/article/viewArticle/304>>. Acesso em: 14 Fev. 2018.

VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na educação. **Em Aberto**, v. 12, n. 57, 2008.<<http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1876/1847>>. Acesso em: 12 Fev. 2018.

VALENTE, J. A; ALMEIDA, F. J de. Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor. **Brazilian Journal of Computers in Education**, v. 1, n. 1, p. 45-60, 1997. Disponível em:<<http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/download/2324/2083>>. Acesso em: 15 Fev. 2015.

VAZ, C. A. **Google Marketing: o guia definitivo do marketing digital**. São Paulo: Novatec Editora, 2007.

VESENTINI, J. W. Realidades e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In:_____.(Org). **O Ensino de Geografia no século XXI**. 7. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004. p. 219-248.